

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

PAOLLA GRAZIELLY CODIGNOLLE SOUZA

**O PAPEL DO CINEMA NA MANUTENÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL E O
IMPACTO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

Porto Alegre

2023

PAOLLA GRAZIELLY CODIGNOLLE SOUZA

**O PAPEL DO CINEMA NA MANUTENÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL E O
IMPACTO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr Henrique Carlos de Oliveira de Castro

Porto Alegre

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Codignolle Souza, Paolla Grazielly

O papel do Cinema na manutenção da Identidade Nacional e o impacto nas Relações Internacionais / Paolla Grazielly Codignolle Souza. -- 2023. 59 f.

Orientador: Henrique Carlos de Oliveira de Castro.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Curso de Relações Internacionais, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Relações Internacionais. 2. Cinema. 3. Nacionalismo. 4. Identidade. 5. Política Externa. I. de Oliveira de Castro, Henrique Carlos, orient. II. Título.

PAOLLA GRAZIELLY CODIGNOLLE SOUZA

**O PAPEL DO CINEMA NA MANUTENÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL E O
IMPACTO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Carlos de Oliveira de Castro

Aprovado em: Porto Alegre, 29 de agosto de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Henrique Carlos de Oliveira de Castro - Orientador
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr. Fabian Scholze Domingues
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Jéssica da Silva Duarte
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente à minha família, que me forneceu as condições materiais e emocionais para que eu chegasse à Universidade, percorresse o caminho tortuoso da graduação e realizasse este trabalho. À minha mãe, que todas as vezes que pôde me disse o quanto eu era inteligente e me deu afeto e colo ininterruptamente. Ao meu pai, que se fez tão presente neste último ano e se mostrou compreensível e sensível. Ao meus irmãos: Nicollas, prático, objetivo, sempre em busca de uma solução e tentando ajudar, dando mais de si do que deveria; Guilherme, um dos espíritos mais animados e motivadores que eu conheço, ainda que sem saber, nunca permitiu que eu questionasse até onde eu posso ir.

Aos amigos que fiz antes da Universidade, especialmente Maria, Lauren e Victória, que em momentos diferentes cruzaram a minha vida, me impactaram profundamente e nunca foram embora, mesmo indo para outros países, ou muito ocupadas em plantões médicos. É uma honra existir nesse planeta ao mesmo tempo que vocês, vocês alimentam minha alma.

Eu definitivamente não poderia encerrar a última etapa da graduação sem agradecer aos amigos que fiz ao longo dela. Andrey, Henrique, Lúcio e Pedro, me proporcionaram algumas das melhores risadas da minha vida. Giullia, uma das pessoas mais sensíveis que já tive oportunidade de conhecer, e Julia M., simplesmente um raio de sol (complexo e inteligente), conseguem tornar tudo mais leve. Julia H., o espírito mais aventureiro que já conheci e uma das amizades mais íntimas que já fiz, me faz acreditar que o imprevisível da vida pode ser maravilhoso e que minhas qualidades e defeitos tem lugar nesse mundo.

À Fernanda. A pessoa cuja qual sem as inúmeras conversas e sem o imenso apoio eu jamais teria chegado onde cheguei, nem seria quem sou, como sou. Obrigada.

Entre tantas experiências na Universidade, é essencial reservar um espaço ao grupo de pesquisa CESPRI e seus integrantes, à quem eu devo boa parte da construção e desenvolvimento do meu senso crítico ao longo da faculdade. Logo, jamais poderia deixar de mencionar a fundadora do grupo, minha primeira orientadora: Sonia Maria Ranincheski. Marcou minha trajetória acadêmica e minha vida pessoal nos poucos anos que pude conviver com ela, uma Professora incomparável.

Agradeço ao meu orientador Henrique, que em nenhum momento deixou de me incentivar e motivar, talvez o orientador mais compreensivo que alguém poderia ter. Presente anos antes do TCC, serei eternamente grata por tê-lo tido como Professor.

Por fim, agradeço à UFRGS, instituição pública de qualidade que me equipou com imenso conhecimento e me apresentou um universo de possibilidades. Um marco em minha vida, levarei com carinho para sempre esses anos de aprendizado vividos.

RESUMO

Este trabalho investiga os diversos usos do cinema no campo de estudos das Relações Internacionais e explora o papel do cinema na moldagem das identidades nacionais, assim como seu impacto nas Relações Internacionais, explorando os diferentes conceitos que circundam o tema e realizando uma conexão entre o ataque terrorista de 11 de setembro de 2001 em território estadunidense e a eleição de Donald Trump em 2016 como caso de estudo. Explorando como os ataques de 11 de setembro de 2001 influenciaram a disseminação da política do medo e da cultura de insegurança por meio da mídia cinematográfica, a pesquisa examina como essa atmosfera de apreensão forneceu uma base para o discurso populista de Trump, centrado no slogan "Make America Great Again". O foco do estudo é compreender o papel do cinema e da cultura popular nas relações internacionais; após um aprofundamento dos conceitos tido como fundamentais, a pesquisa aplica os conhecimentos explorados analisando a interação entre os filmes hollywoodianos pós-11 de setembro e a narrativa populista de Trump, enfatizando como esses fatores contribuíram para a formação e consolidação de uma identidade nacional definida por preocupações de segurança e resistência a mudanças culturais. Além disso, a pesquisa ressalta a influência das elites nacionais na construção dessa identidade coletiva, e conclui que a disseminação de narrativas temerosas pelo cinema teve um papel significativo na emergência de discursos políticos populistas e na evolução das relações internacionais contemporâneas.

Palavras-chave: Identidade Nacional; Nacionalismo; Cinema; Cultura; Relações Internacionais; Política Externa; Bush; Terrorismo; Medo; Trump; Imigração.

ABSTRACT

This paperwork investigates the different uses of cinema in the field of International Relations studies and explore the role of cinema in shaping national identities, as well as its impact on international relations, exploring the different concepts that surround the theme and making a connection between the terrorist attack of September 11, 2001 on US territory and the election of Donald Trump in 2016 as a study case. Exploring how the September 11, 2001 attacks influenced the spread of the politics of fear and the culture of insecurity through Hollywood movies and media, the research examines how this atmosphere of apprehension provided a basis for Trump's populist speech, centered on the slogan "Make America Great Again". The focus of the study is to understand the role of cinema and popular culture in international relations; after deepening the concepts considered fundamental, the research applies the knowledge explored by analyzing the interaction between post-9/11 Hollywood films and Trump's populist narrative, emphasizing how these factors contributed to the formation and consolidation of a national identity defined by security concerns and resistance to cultural change. In addition, the research highlights the influence of national elites in the construction of this collective identity, and concludes that the dissemination of fearful narratives through cinema played a significant role in the emergence of populist political discourses and in the evolution of contemporary international relations.

Keywords: National Identity; Nationalism; Movies; Culture; International Relations; Foreign Policy; Bush; Terrorism; Fear; Trump; Immigration.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO À NAÇÃO E A CULTURA	11
2.1 O SURGIMENTO ORGÂNICO DA NAÇÃO VS. A NAÇÃO ARTIFICIAL	14
2.2 CULTURA FABRICADA E “ESTRATEGIZADA”: O CONCEITO DE INDÚSTRIA CULTURAL	18
3 ESTÉTICA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS	22
3.1 A IMPORTÂNCIA DA CULTURA POPULAR DENTRO DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS	23
3.2 A INFLUÊNCIA DO CINEMA NA NAÇÃO: O “JOGO DE DOIS NÍVEIS” E A POLÍTICA EXTERNA	26
4 IDENTIDADES NACIONAIS E CULTURAS HÍBRIDAS: O AUDIOVISUAL PRODUZIDO POR POTÊNCIAS HEGEMÔNICAS	31
5 A INDÚSTRIA CINEMATOGRAFICA HOLLYWOODIANA: PERSPECTIVAS INTERNAS DOS NACIONAIS E POLÍTICA EXTERNA ESTADUNIDENSE	35
5.1 O 11 DE SETEMBRO E A GUERRA AO TERROR DO GOVERNO BUSH	37
5.2 A ELEIÇÃO DE TRUMP EM 2016 COMO CONSEQUÊNCIA DA POLÍTICA DO MEDO	40
6 CONCLUSÃO	49
REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

A presente monografia surgiu de forma a questionar as relações do Cinema, da Identidade Nacional e das Relações Internacionais. Este trabalho tem como tema o papel do cinema na manutenção da identidade nacional e o impacto que a relação entre o cinema e a condição nacional tem para as Relações Internacionais. A proposta do trabalho é buscar explorar como funciona o sentimento de pertencimento nacional, como o cinema atua sobre esse funcionamento e a relação com o cenário internacional. Entretanto, há a compreensão por parte da autora de que em diferentes sociedades foram construídas diferentes nações, logo o surgimento de cada nação, assim como sua atual “manutenção”, é um tanto idiossincrática e depende completamente da história e contexto daquele grupo e local. Sendo assim, o trabalho atém-se às explanações conceituais e sua aplicação no caso do Estado-Nação Estados Unidos da América, buscando compreender a relação que se estabelece da nação com seu próprio cinema, a influência da ferramenta na identidade nacional dos indivíduos e os impactos que o audiovisual exerce na política externa do país.

Considera-se para este trabalho que a arte, em todas as suas formas, é uma maneira de expressar e representar o que se vê e sente, transmitindo reflexões, críticas, ideias e percepções. Uma obra de arte ao ser criada, seja feita por um indivíduo ou um grupo de pessoas, toma um lugar no mundo e posiciona-se, carregando consigo o contexto econômico, social e cultural de quem a produziu. Ao ser criado este objeto artístico repleto de significado, a arte funciona de certa forma como um “veículo de comunicação”, não no sentido tradicional de comunicar, como um jornal faria, mas sim uma comunicação de ideias e emoções. O Cinema, uma tecnológica forma de arte, também a que será trabalhada ao longo desta pesquisa, possibilita a criação de objetos artísticos com falas, imagens e sons.

Teve-se em mente ao longo desta pesquisa que ver um filme é buscar, mesmo que inconscientemente, conectar-se e compreender o mundo através da percepção do outro, de quem nos conta uma história. Não só a narrativa é carregada de símbolos e informações, mas as próprias lentes de quem nos conta a história o é, ou seja, a forma como essa história é vista por aquele que a conta e produz, importa. Essa ponte que se estabelece entre quem cria a arte e quem a recebe enxergo como uma comunicação não escrita, uma comunicação “não-dita”. Neste trabalho busca-se explorar o papel destas narrativas estéticas para modificar, enfraquecer ou fortalecer o sentimento de pertencimento nacional de grupos e, a partir disso, investigar também as consequências do impacto do cinema na identidade nacional para as suas nações e para as Relações Internacionais.

A justificativa central para o trabalho leva em consideração a importância das narrativas e da estética para construção e união de uma nação, assim como a atual facilidade para consumir os produtos culturais de outras nações e o período em que vivemos com um “bombardeio” de imagens diariamente, se faz necessário que se busque compreender como a Cultura afeta as Relações Internacionais. Desta forma, a escolha por pesquisar cultura, nacionalismo e produções cinematográficas parte, antes de qualquer coisa, por interesse próprio da autora e pela grande curiosidade em conectar cultura, sentimento nacional e Relações Internacionais pelo viés do cinema, investigando como estas questões se cruzam. Entretanto, vale ressaltar que há uma percepção de que tais discussões ainda são um tanto escassas dentro do campo de estudos das Relações Internacionais no Brasil, ficando o tema muitas vezes centrado nas áreas de Antropologia e Sociologia; sendo assim, acredita-se que há uma especial importância em fomentar o debate.

Logo, intenciona-se por meio deste trabalho explorar como podemos utilizar esta “comunicação não-dita” para analisar as Relações Inter(nacionais). Sendo assim, tem-se como objetivo geral verificar a importância do Cinema na manutenção da identidade nacional e como isso afeta as relações com os atores internacionais e sua postura no SI. Como objetivos específicos procura-se 1) Trazer à tona o papel do indivíduo nas Relações Internacionais ao introduzir a abordagem teórico-metodológica do trabalho, realizando as conexões entre Cultura, Cinema, Nacionalismo e Relações Internacionais; 2) Apresentar, através das discussões de nacionalismo e estética, como o cinema pode servir para melhor compreendermos as Relações Internacionais e os problemas humanos.

Por conseguinte, procura-se responder “qual a relevância do cinema como ferramenta para a manutenção da identidade nacional e o impacto desta relação nas Relações Internacionais?” Para isto, foi feita uma revisão crítica da literatura especializada em livros, artigos e revistas científicas, relacionada aos diferentes aspectos que circundam o tema. O trabalho foi estruturado de forma a reservar o segundo capítulo para explorar as ideias que fundamentam o trabalho, realizando explicações e reflexões acerca dos conceitos de identidade nacional e nacionalismo, de como surge a nação, do papel da cultura e do ambiente social para moldar o indivíduo e de como a Indústria Cultural afeta a percepção nacional.

Em seguida, no terceiro capítulo, buscou-se evidenciar de forma direta a conexão entre estética, imagens e cinema em relações internacionais, abordando o impacto que os símbolos e narrativas têm. Através deste capítulo desenvolve-se a noção de que o cinema pode ser utilizado para a compreensão das Relações Internacionais de muitas formas. Já no quarto

capítulo, o foco foi explorar os efeitos do cinema na identidade nacional, abordando diferentes perspectivas teóricas a respeito do tema que funcionassem de forma complementar.

Por fim, no quinto capítulo realizou-se a aplicação das ideias trabalhadas em eventos reais, para que se construísse de forma mais concreta a compreensão do papel que o cinema possui socialmente e como pode ser utilizado como ferramenta pelas elites para moldar a opinião pública ao representar a identidade nacional ameaçada e os impactos na política externa da nação analisada, no caso, os Estados Unidos. Utilizando de conceitos e perspectivas de teóricos da área de Relações Internacionais e Ciências Política e Sociais, o trabalho, através das lentes da Teoria Crítica, analisou como a estética e a arte, expressões da época em que são construídas, carregam desejos e valores do lugar e momento em que se encontra e, por consequência, o cinema seria uma ideia daquele que o realiza, ou uma ferramenta de propagação da ideia. O presente trabalho foi produzido a partir do raciocínio gramsciano, reforçado por Cox, que afirma que toda ideia serve a algo e a alguém.

2 O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO À NAÇÃO E A CULTURA

Para pensarmos em identidade nacional, torna-se fundamental compreender o próprio conceito de identidade e a importância da cultura. Sem tal compreensão e definição, há uma profunda dificuldade de entender o sentimento de pertencimento à uma nação, de onde ele vem, como se forma, como se mantém e como tais definições se cruzam com as Relações Internacionais

Anthony Giddens, importante sociólogo, nos diz que a cultura é aquilo que influencia o comportamento social e ajuda a moldar as instituições e a organização social. O autor afirmou em seu trabalho que a cultura é desenvolvida e sustentada por:

[...] aspectos das sociedades humanas que são aprendidos e não herdados. Esses elementos da cultura são partilhados pelos membros da sociedade e tornam possível a cooperação e a comunicação. Eles formam o contexto comum em que os indivíduos de uma sociedade vivem as suas vidas. A cultura de uma sociedade abrange tanto os aspectos intangíveis - as crenças, as ideias e os valores que constituem o teor da cultura - como os aspectos tangíveis - os objetos, os símbolos, ou a tecnologia que representam esse conteúdo (GIDDENS, 2008, p. 22).

Giddens, ao realizar uma definição de cultura e trazer à tona que os símbolos, as tecnologias, as ideias e os valores de uma sociedade dão contexto a ela, também nos mostra que a cultura é parte do que conecta os indivíduos que a ela pertencem. Benedict Anderson, ao desenvolver seus trabalhos sobre nacionalismo e nação, traz a cultura como a essência da formação das identidades nacionais e das comunidades imaginadas. Ele vê a cultura como um conjunto de práticas, narrativas, símbolos, mitos e rituais que, ao serem propagados entre os membros da nação por diferentes meios, criam a narrativa fantasiosa de união entre todos aqueles inseridos naquele contexto, mesmo sem nunca terem se conhecido ou se visto. Logo, não só as narrativas e símbolos seriam fundamentais para a união dos membros da comunidade imaginada, mas também as ferramentas de propagação de tais elementos culturais desempenham um papel fundamental na criação de um senso de pertencimento e identificação coletiva entre os membros de uma nação (ANDERSON, 2008; GIDDENS, 2008).

Cruzar essa ideia com a definição de identidade nos permite desenvolver a compreensão do papel da cultura no desenvolvimento do sentimento de pertencimento a um coletivo. Nos trabalhos de Stuart Hall, especificamente em suas reflexões feitas no livro “Questions of Cultural Identity”, o autor trabalha com a ideia de que o conceito e sentido de “identidade” não é algo congelado, fixo ou permanente, é um conceito histórico que se

movimenta no espaço-tempo, que se modifica conforme mudam as sociedades e as condições dos sujeitos, suas liberdades. Quando Hall traz três diferentes “tipos” de identidade, ele o faz para explicitar o quanto o conceito de identidade, assim como a identidade do sujeito, se modificou ao longo da história. Aqui cabe lembrar rapidamente os apontamentos do autor ao sinalizar estas diferenças: 1) sujeito do Iluminismo, um sujeito dotado das capacidades da razão, com um “eu” contínuo, imutável; 2) o sujeito sociológico que percebe além do seu núcleo interior, cujo “eu” é essencialmente interativo e moldado pelas constantes interações com o “outro” e o que tem ao seu redor; 3) e, por fim, o sujeito pós-moderno, um conceito que melhor servirá para compreender a identidade nacional, tendo em vista que esse último representa um sujeito modular, com um eu fragmentado e não contínuo, por conta da grande quantidade de rupturas, descontinuidades e novidades do mundo globalizado (HALL, 2006).

Pensar na abordagem histórica do conceito de identidade trazido por Stuart Hall nos permite perceber que há uma diferença clara, que acompanha o espaço-tempo, do sujeito de agora e do sujeito no passado. Ao tratar de identidade de uma perspectiva histórica, o autor afirma que em períodos pré-modernos, claramente, os indivíduos também existiam, mas sua obra trata justamente sobre como o “eu” é vivido e conceitualizado de forma diferente nos tempos atuais. Essa questão importa para pensarmos em nação pois a criação, ou surgimento, dos Estados-nação também não é algo eterno, fixo, congelado no tempo, que existe desde sempre ou que possamos garantir uma existência *ad aeternum*. A criação dos Estados-nação é, de fato, um formato de organização social muito recente, do final do século XVIII, logo não haveria como a identidade nacional existir há milênios; tal concepção de identidade também é recente (HALL, 2006; HOBBSAWM, 2004)

Trazendo a ideia de um sujeito pós-moderno, Stuart Hall trabalha a ideia da contínua descentralização do “eu”, que tem seu centro continuamente deslocado pelas constantes rupturas e novidades do mundo globalizado da atualidade. Ao falar da identidade e daquilo que torna o sujeito o que ele é, o autor usa as palavras “centro” ou “núcleo”, entretanto podemos pensar também que ao falar do núcleo do “eu”, Hall está falando da essência do sujeito. Para melhor explicar o que significa o “eu” constantemente deslocado, Stuart Hall define a identidade como modular, tal como um móvel com diversos nichos que podem ser movidos e realocados conforme as necessidades vividas pelo sujeito em dado momento. Hall traz diversas reflexões e autores de diferentes áreas do conhecimento para fortalecer seu argumento, apontando quatro autores que, em conjunto com os movimentos feminista e demais movimentos de contracultura de 1968, são parte fundamental das importantes rupturas que nos trouxe à atual concepção de identidade que temos (HALL, 2006).

Cabe aqui trazer algumas das reflexões centrais levantadas por Hall. Primeiro, o autor traz Marx e suas reflexões sobre como o homem está sujeito às suas condições, as quais ele não escolheu ao nascer; além disso, relembra as reflexões de Marx a respeito das inconstâncias trazidas ao período moderno pelo processo de produção do capitalismo, que torna as relações recém-formadas, envelhecidas, antes que possam se consolidar. Logo após, aponta a importância de Freud e de seus estudos sobre como o sujeito e sua identidade são formados por processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, fugindo à anterior lógica cartesiana “Penso, logo existo” e considerando que a identidade do sujeito não está sujeita à sua razão. Em terceiro, traz o linguista estrutural Ferdinand Saussure, que afirmava que a língua é um sistema social pré-existente ao indivíduo, logo não seríamos os “autores” dos significados que expressamos e, sendo assim, ao externalizarmos nossos pensamentos e sentimentos internos e íntimos, ativamos a imensa gama de significados do nosso sistema cultural. Em quarto, traz Michel Foucault e suas reflexões a respeito do “poder disciplinar” existente através das instituições, que apesar de serem criações coletivas, paradoxalmente individualizam e isolam cada vez mais o sujeito (HALL, 2006).

As conexões propostas por Stuart Hall entre autores de diferentes áreas para que possibilitasse nossa compreensão do conceito de identidade é muito relevante para que possamos ver o indivíduo como modular, um indivíduo que não é “uma coisa só fechada em si”, mas sim um sujeito de interior fragmentado cujo pertencimento à algo pode se alterar conforme muda o contexto e as condições nas quais se encontra. Tais reflexões trazidas pelo autor são de extrema relevância para pensarmos em como surge e como se mantém uma identidade ou o que seria uma identidade nacional, uma identidade condicionada à ideia de nação (HALL, 2006).

Há uma interessante intersecção entre os argumentos levantados por Stuart Hall sobre o que seria “Identidade” e o trabalho de Benedict Anderson em *Comunidades Imaginadas*. Anderson explora o nacionalismo como uma construção imaginada que transcende fronteiras geográficas e reúne indivíduos que nunca se encontrarão pessoalmente. Ele argumenta que o nacionalismo é uma forma de comunidade política construída por meio do compartilhamento de narrativas e símbolos culturais. O autor também destaca a importância que os meios de comunicação e cultura, como jornais e literatura, desempenharam e desempenham na disseminação da ideia nacional, permitindo que milhões de pessoas compartilhem uma experiência visual e simbólica da nação, mesmo sem interações diretas (ANDERSON, 2008; HALL, 2006).

A intersecção entre os conceitos de identidade, conforme proposto por Stuart Hall, e nacionalismo, como discutido por Benedict Anderson, oferece uma análise abrangente das bases culturais e ideológicas que sustentam a construção das comunidades políticas. Stuart Hall (1996) destaca que a identidade é um processo em constante evolução, moldado pelas relações sociais e pelas representações culturais. Ele enfatiza a natureza fragmentada e fluida da identidade, argumentando que ela não é algo fixo, mas sim construída através da negociação entre diferentes aspectos culturais e sociais. Hall observa que a identidade é formada pela relação condicional da diferenciação entre "nós" e "eles", onde as categorias de pertencimento são articuladas em um contexto cultural e histórico específico. A convergência entre os conceitos de Hall e Anderson revela como a identidade individual e coletiva é intrinsecamente ligada à construção de narrativas culturais e políticas, com o nacionalismo operando como uma forma institucionalizada de identidade imaginada, amplamente disseminada através dos meios de comunicação (ANDERSON, 2008; HALL, 2006).

2.1 O SURGIMENTO ORGÂNICO DA NAÇÃO VS. A NAÇÃO ARTIFICIAL

O nacionalismo e o sentimento nacional são, em verdade, temas complexos e muito debatidos. Apesar de diversos autores concordarem a respeito de aspectos que fazem parte do sentimento nacional e importam para o surgimento e manutenção de uma nação, não há uma concordância a respeito do conceito em si. Dois dos principais motivos parecem ser:

Em primeiro lugar, o fato de que o conceito de nacionalismo, como ele surge e como ele se mantém não pode ser transposto para qualquer contexto geográfico, social, econômico e histórico. Há uma dificuldade de afirmar que o conceito de nacionalismo seria igualmente aplicável para Portugal em 1985 e para a China em 2020. Nem toda nação surge da mesma forma ou se mantém da mesma forma, o cenário da Europa ocidental de batalhas por território e busca por fortalecimento e união de um povo não é ou foi o mesmo de países colonizados, unindo diversas etnias e povos para enfrentar a metrópole. Nem mesmo entre os países latino-americanos colonizados o processo de surgimento, unificação e conservação de uma nação é igual, pois a luta por independência não foi a mesma, assim como os símbolos e narrativas que deram força e significado aos esforços de união nacional também divergiam (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 2007; FEATHERSTONE, 2011).

O segundo principal motivo a destacar é que mesmo quando se é analisado o mesmo contexto social, político e histórico, pode haver divergências e discordâncias entre autores a respeito de como se deu o processo de união e manutenção dessa nação, ou o que seria mais

importante nesse cenário, dependendo do ponto de vista e dos argumentos levantados por cada autor (BREUILLY, 1993; 2013).

Nesta seção, a intenção é explorar tanto o surgimento quanto a manutenção do sentimento nacional, olhando para como um coletivo de indivíduos através de símbolos e narrativas se conectam. Além disso, se faz necessário considerar o peso que as elites, as instituições, o governo e o Estado têm nesse fluxo. Para o trabalho em questão vale trazer, para além das ideias de Benedict Anderson, a discussão que Eric Hobsbawm propõe acerca do nacionalismo. O historiador, comumente estudado no campo das relações internacionais por suas análises das transformações sociais, políticas e econômicas que ocorreram nos séculos XIX e XX, bem como pelas influências dessas mudanças nas dinâmicas nacionais e globais, realiza uma análise detalhada e complexa do nacionalismo, abordando sua natureza, surgimento e impacto nas sociedades modernas. Ao tratar o tema, o autor enfatiza a adaptabilidade e instrumentalização política do nacionalismo. Ele reconhece a capacidade do nacionalismo de promover sentimentos de pertencimento e solidariedade, mas também destaca como ele pode ser utilizado como um instrumento político para justificar ações de elites no cenário internacional (BREUILLY, 1993; HOBBSAWM, 2004).

Hobsbawm examinou como o nacionalismo, as revoluções, o desenvolvimento econômico e outras forças moldaram as relações entre as nações e os cenários internacionais. Ao abordar nacionalismo, ele traz à tona as conexões entre identidade, política e transformação econômica, explorando o nacionalismo como uma construção social que surge em resposta a transformações sociais e econômicas, em vez de ser um fenômeno inato ou natural. Podemos observar que Hobsbawm assume que o nacionalismo frequentemente envolve a criação de tradições e símbolos que unem uma população diversa sob uma narrativa comum, entretanto ele não enxerga que estas características levam por si só à formação de uma nação como “um organismo vivo”, natural, que aconteceria de qualquer forma a não ser que uma força superior intervisse. O autor vê o nacionalismo como uma construção, muitas vezes criada por elites políticas e intelectuais para atender a objetivos específicos, assim sendo, ele argumenta que através da invenção de tradições e mitos históricos, os Estados-Nação podem criar uma coesão interna que ajuda a consolidar a identidade nacional e mobilizar o apoio popular. Dessa forma, Hobsbawm apresenta uma visão crítica do nacionalismo, revelando suas dimensões complexas e até mesmo contraditórias (HOBBSAWN; RANGER, 1997).

Nos contextos colonizados, o nacionalismo frequentemente surgiu como uma resposta à dominação estrangeira e à exploração. De acordo com o filósofo e psiquiatra Frantz Fanon,

o colonialismo impôs uma alienação cultural e identitária, levando a uma reação de resgate das culturas e identidades locais; sendo assim o nacionalismo anticolonial foi motivado pela busca de liberdade política e cultural, frequentemente envolvendo esforços para reafirmar identidades que foram marginalizadas ou reprimidas sob o domínio colonial. Quando olhamos para os nacionalismos em países colonizados, que frequentemente emergiram como resposta à opressão e como luta pela autodeterminação dos povos daquele território, precisamos considerar que a movimentação política e organizada não veio necessariamente das elites (FANON, 1961; SAID, 2007).

A colonialidade além de influenciar na construção da identidade nacional do colonizado, influenciou a forma como estas nações (ex-colônias) se inseriram na ordem global, como pontua Aníbal Quijano ao analisar o caso da América Latina. Há uma intersecção entre as estruturas coloniais e a formação das identidades nacionais; a colonização não apenas resultou em exploração econômica, mas também estabeleceu uma hierarquia racial e social que influenciou profundamente a construção da identidade nas sociedades colonizadas. Isso teve consequências significativas para a formação das nações, pois a imposição de categorias raciais e culturais hierarquizadas pelos colonizadores levou a divisões internas nas populações subjugadas. A nacionalidade, como uma construção cultural e política, foi moldada por essas estruturas de poder, resultando em desigualdades internas e na marginalização de certos grupos étnicos e culturais. Estas mesmas categorias estabelecidas durante a colonização projetam-se nas relações internacionais, afetando a posição e o status das nações no sistema global. A imposição de hierarquias culturais pelo colonialismo teve um impacto duradouro na percepção de algumas nações como mais "civilizadas" ou "avançadas", em detrimento de outras. A imposição de categorias hierarquizadas durante o período colonial influenciou a formação das identidades nacionais e continua a afetar as dinâmicas internas e globais das nações (QUIJANO, 2020).

Frantz Fanon e Aníbal Quijano não têm como foco de estudo o nacionalismo, entretanto são autores que levantam a questão da identidade nacional em ex-colônias, relevante para ilustrar como o conceito de nacionalismo não é homogêneo e que o próprio conceito de identidade é fluido e depende do contexto social-histórico do indivíduo, como proposto por Stuart Hall (FANON, 1961; HALL, 2006; QUIJANO, 2020). Exemplos históricos de nacionalismo europeu, como nos casos inglês e francês que culminou na formação de Estados-nação, assim como o nacionalismo anticolonial que impulsionou lutas de independência, como nos casos da Índia e da Argélia, ilustram as diferenças marcantes na origem e nas motivações do nacionalismo em diferentes contextos (ANDERSON, 2008).

Entretanto, é importante observar que, por vezes, há uma concepção de que os nacionalismos europeus muitas vezes refletem uma evolução orgânica de identidades culturais, como defendido por Ernest Gellner, mas é relevante ressaltar os argumentos de Hobsbawm sobre a capacidade das elites em organizar e instrumentalizar o sentimento nacional como algo essencial para a formação dos Estados-Nação nos casos europeus e a complexidade do termo nacionalismo (GELLNER, 1983; HOBBSAWM, 2004).

Benedict Anderson e Eric Hobsbawm são os dois autores mais utilizados aqui neste trabalho para melhor compreendermos o termo “nacionalismo”. Ambos, com diferentes focos e abordagens, parecem acordar em diversos pontos a respeito do tema. Os dois autores possuem uma análise crítica do nacionalismo e exploram as origens e a natureza do nacionalismo moderno, reconhecendo sua capacidade de unificar populações diversificadas em torno de identidades compartilhadas. Anderson enfoca a formação de comunidades imaginadas através de símbolos e práticas culturais; Hobsbawm explora como o nacionalismo surge em resposta a mudanças sociais e econômicas, muitas vezes como resultado de construções políticas. Além disso, ambos os autores destacam a importância da linguagem, dos meios de comunicação e do imaginário coletivo na construção de identidades nacionais. Anderson ressalta como a língua escrita e a imprensa foram essenciais para a disseminação do nacionalismo, enquanto Hobsbawm reconhece o papel das tradições inventadas e dos mitos históricos na consolidação das nações (ANDERSON, 2008; BREUILLY, 1993; HOBBSAWM, 2004).

As diferenças mais notáveis entre os trabalhos dos dois autores trata-se do foco que cada um tem em suas análises e como abordam o tema. Enquanto Anderson enfatiza o conceito de "comunidades imaginadas" como base do nacionalismo, Hobsbawm analisa as implicações políticas e sociais das nações em um contexto de modernidade e capitalismo. Além disso, Hobsbawm explora a instrumentalização do nacionalismo em questões internacionais e a relação entre nacionalismo e sistema internacional, o que não é tão central nas obras de Anderson (ANDERSON, 2008; HOBBSAWM, 2004).

Percebe-se com as reflexões trazidas que por vezes pensar se a nação é uma criação “inorgânica”, artificial, das elites, ou se surge como algo natural de uma comunidade que se imagina como um coletivo tendo por base sua proximidade cultural, soa como tentar entender “o que vem antes, o ovo ou a galinha?”. Logo, vale ressaltar que a proposta do trabalho não é compreender o que vem antes “o sentimento nacional ou o nacionalismo”, assim como não é de essencial importância para este trabalho delimitar se o sentimento nacional é genuíno e suficiente para formar uma nação ou se a identidade nacional seria apenas uma ilusão e o

nacionalismo um instrumento das elites para manipular e guiar a nação e sua perspectiva a respeito do mundo. Não é uma questão de “um ou outro”, tendo em vista que não são situações eliminatórias e limitantes. O papel da cultura, das narrativas compartilhadas, da língua, da comunicação e de tudo aquilo que possa conectar uma comunidade é essencial para que haja uma “comunidade imaginada”, entretanto é possível ver que sendo suficiente ou não para o surgimento ou sustentação de uma nação, a interferência de algo externo, sejam elites propagando a cultura nacional e incentivando os laços da comunidade imaginada, seja a luta conjunta pela expulsão de um inimigo, algo facilmente visível no caso de lutas por independência em países colonizados, podemos ver com clareza que os aspectos culturais de uma nação nunca constituem sozinhos um Estado-Nação (HOBSBAWM, 2004).

2.2 CULTURA FABRICADA E “ESTRATEGIZADA”: O CONCEITO DE INDÚSTRIA CULTURAL

O conceito de indústria cultural foi cunhado por Theodor W. Adorno e Max Horkheimer no capítulo "A indústria cultural: iluminação como engano em massa", do livro *Dialética do Esclarecimento* (1944); a ideia é desenvolvida durante a Segunda Guerra Mundial. Os autores claramente falam sobre o consumo midiático de sua época, com tecnologias diferentes das de hoje, em um período que o mundo acompanhava não só a dicotomia capitalismo x socialismo, mas também o impacto dos avanços do nazifascismo. Nos anos 1940, comunistas, capitalistas e nazifascistas encontravam-se em uma “corrida” de promoção de imagens para sua população interna, assim como intentavam promover uma imagem favorável junto ao público estrangeiro, tanto pelo jornal como por rádio ou filmes de propaganda. Podemos resumir o conceito de Indústria Cultural como a ideia de arte não ser necessariamente arte, mas se tornar necessariamente um bem de consumo padronizado e de fácil “digestão” para que o consumidor final encontre afinidade com o “item” e prazer ao consumir o produto; tornar a arte e a cultura, bens imateriais, em objetos palpáveis, que gerassem lucro e com alto potencial de manipular uma sociedade (ADORNO; HORKHEIMER, 2002).

Esta é uma abordagem crítica que descreve a transformação da cultura em mercadoria dentro do sistema capitalista avançado. O conceito é enraizado na teoria crítica da Escola de Frankfurt, um grupo de pensadores sociais e filósofos cujas ideias tiveram profunda influência nas análises culturais e sociais marxistas do século XX. Adorno e Horkheimer afirmam que a indústria cultural refere-se ao processo pelo qual as manifestações culturais, como música,

cinema, literatura e arte, são produzidas e disseminadas em larga escala, alinhadas com os princípios de eficiência e lucro inerentes à lógica capitalista. Os autores propõem que esta massificação da cultura é alcançada pela padronização e simplificação dos produtos culturais, visando atrair o maior público possível e, conseqüentemente, maximizar os ganhos financeiros. Nesse contexto, a originalidade artística seria muitas vezes subjugada em favor de fórmulas e estilos que são mais previsíveis e comercialmente viáveis (ADORNO; HORKHEIMER, 2002).

Essa análise crítica da indústria cultural argumenta que, embora aparentemente ofereça variedade, a produção cultural é, na verdade, homogeneizada para se ajustar aos gostos médios e amplamente compartilhados. Como resultado, a diversidade cultural é suprimida em favor de um conjunto limitado de narrativas e formas de expressão que são mais facilmente consumíveis e comercializáveis. Além disso, Adorno e Horkheimer destacam que a indústria cultural contribui para a perpetuação da dominação ideológica, uma vez que a cultura produzida e consumida reflete e reforça as ideias e valores predominantes da sociedade capitalista (ADORNO; HORKHEIMER, 2002).

Importa notar que, embora um tanto pessimista, a abordagem da indústria cultural se torna valiosa para a compreensão das dinâmicas culturais sob o capitalismo. Vale relembrar que o conceito foi criado em um contexto em que o cenário geopolítico mundial era marcado pela dicotomia capitalismo versus socialismo e pelas terríveis conseqüências do nazifascismo. Sendo assim, ao pensarmos no conceito no período atual, ele serve para relembrar a importância e potencial que o sistema capitalista tem de homogeneizar culturas, mas, principalmente, de propagar valores e ideias (ADORNO; HORKHEIMER, 2002).

Se pensarmos na relação do conceito proposto por Adorno e Horkheimer de indústria cultural com o conceito de identidade de Stuart Hall, podemos realizar uma análise da interseção entre produção cultural em massa e a formação de identidades coletivas. A relação entre esses dois conceitos reside na maneira como a indústria cultural pode tanto refletir quanto influenciar a construção da identidade nacional. É importante sinalizar que há uma certa divergência entre os conceitos de indústria cultural e identidade nacional, pois a indústria cultural é apresentada como um meio de padronização e homogeneização da cultura, resultando em uma cultura comercializada e superficial; o conceito sugere que a autenticidade cultural é suprimida em favor de uma cultura consumível e comercializável (ADORNO; HORKHEIMER, 2002).

Já Hall não trabalha a ideia de “consumo de cultura” de uma forma industrial como Adorno e Horkheimer, mas fala sobre como a identidade nacional é frequentemente

construída através de processos de diferenciação de grupos considerados "outros" em relação à nação dominante. Para que haja essa diferenciação, é necessário certo grau de homogeneidade da própria cultura nacional. A indústria cultural nesse sentido desempenha um papel relevante, influenciando como os grupos minoritários são representados e percebidos dentro da narrativa nacional tanto para os próprios nacionais quanto para o exterior (HALL, 2006)

Entretanto, também é válido considerar que culturas não são entidades estáticas e isoladas; culturas são constantemente moldadas, transformadas e entrelaçadas através de interações globais, por isso, diferente de 1945, quando o conceito de "indústria cultural" foi elaborado, podemos notar que hoje em dia a homogeneização cultural não ocorre com a mesma facilidade, ou da mesma forma, que ocorreu no passado. Como uma importante ferramenta para a promoção e difusão da identidade nacional, percebemos o potencial da indústria cultural de comunicar as tradições, valores e histórias de uma nação de maneira ampla, contribuindo assim para a construção de uma identidade compartilhada. A música, o cinema, a literatura e outras formas de expressão cultural podem servir como veículos para destacar as diversidades e peculiaridades culturais de uma nação, fortalecendo assim os laços identitários entre seus membros. A relação existente entre a indústria cultural e a identidade nacional é uma dinâmica complexa e multifacetada, que pode tanto refletir quanto moldar a maneira como as nações são percebidas interna e externamente (APPADURAI, 1996).

Stuart Hall ao introduzir a ideia de que a identidade é construída de maneira fluida e em constante transformação, em oposição à noção de uma identidade fixa e estável, enfatizou como o "consumo" de cultura desempenha um papel crucial na formação das identidades, especialmente nas sociedades marcadas pela diversidade cultural e pela diáspora. Ele argumentou que a indústria cultural oferece representações e discursos que podem ser adotados, resistidos ou reinterpretados pelos indivíduos e grupos, contribuindo para a construção de identidades complexas e híbridas (CANCLINI, 2001; HALL, 2006).

É interessante nesta seção realizar também a conexão entre o conceito de Hegemonia desenvolvido por Gramsci e trabalhado por Cox com a noção de indústria cultural, para que melhor se possa entender a relevância do conceito para as Relações Internacionais, para além da conexão do termo com a identidade nacional. "Hegemonia" refere-se ao processo pelo qual um grupo dominante estabelece sua autoridade e influência sobre uma sociedade, por meio da legitimação de suas normas, valores e interesses; a relação entre os conceitos aborda as formas de poder e controle social, onde a produção cultural e a construção de consensos ideológicos desempenham papéis importantes na manutenção da ordem social. A hegemonia

não é apenas exercida através da coerção, mas também envolve a construção de consensos e a internalização das ideias hegemônicas pelas classes subalternas. Ao argumentar que dentro do sistema capitalista a cultura é transformada em mercadoria, e a originalidade é subjugada em favor de fórmulas previsíveis e lucrativas, Adorno e Horkheimer destacam como a indústria cultural pode ser uma ferramenta de dominação ideológica, perpetuando valores e ideias que reforçam o status quo (ADORNO; HORKHEIMER, 2002; COX, 1981).

Aplicando esta ideia no cenário internacional e levando em consideração o argumento de Cox de que a hegemonia é uma forma de controle que opera através de estruturas políticas, econômicas e culturais, moldando as percepções e as práticas sociais, podemos pensar em como a padronização e a comercialização da cultura podem servir aos interesses da classe dominante, ou da nação dominante de certa região, perpetuando as ideias e valores que consolidam sua autoridade e fortalecem sua imagem perante o Sistema Internacional. Através da indústria cultural, a classe dominante pode promover sua cultura, normalizando e legitimando sua posição, reforçando assim sua hegemonia (ADORNO; HORKHEIMER, 2002; COX, 1981).

3 ESTÉTICA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

A “virada estética nas Relações Internacionais”, ideia proposta por Roland Bleiker (2001), refere-se a uma espécie de “movimento” que ocorre em torno dos anos 2000. Tal momento marcou um aumento crescente de autores e materiais buscando explorar fontes estéticas e artísticas como forma de encontrar novos insights sobre as questões que assolam a política internacional e as relações internacionais. Arte neste contexto refere-se a várias formas de expressão criativa, incluindo pintura, escultura, literatura, cinema, música, teatro e outras formas culturais que comunicam ideias, emoções e perspectivas; a estética, por sua vez, diz respeito ao julgamento do valor estético nas formas artísticas. A proposta de olhar para o mundo estético, o mundo artístico, leva em consideração que as múltiplas formas de expressão cultural comunicam narrativas e percepções que influenciam a política global e ajudam a moldar as relações internacionais; a análise estética nesse contexto pode enriquecer a compreensão das relações internacionais, permitindo uma reflexão mais profunda sobre temas como identidade, poder, violência e memória (BLEIKER, 2001; 2009).

Nesse sentido, vale ressaltar que a análise estética não é um substituto das abordagens tradicionais de relações internacionais, mas sim um complemento à “paleta metodológica” do campo de estudos; ela permite a exploração de dimensões emocionais, culturais e subjetivas que muitas vezes não são abordadas por abordagens mais formais. Podemos refletir sobre a diferenciação realizada por Roland Bleiker (2009) entre abordagens “Estéticas” sobre as Relações Internacionais para as abordagens Tradicionais, ou como o autor chama, “miméticas”: a utilização de perspectivas estéticas para analisar as Relações Internacionais seriam utilizadas para verificar como a estética (ou a experiência estética) influencia e molda as interações entre atores internacionais e indivíduos, influenciando as percepções, emoções e reações dos atores envolvidos, afetando a construção de identidades nacionais e influenciando a tomada de decisões políticas. Entretanto, ao nomear as perspectivas e teorias “tradicionais” como sendo *miméticas*, o autor observa como essas teorias objetivam “espelhar” ou “imitar” a realidade política de maneira mais precisa, como acreditava-se que uma fotografia faria, buscando representar em análises científicas, de forma fiel e precisa, os eventos, estruturas e processos nas relações internacionais. Tal ideia de que os formatos tradicionais teóricos, como seria o caso das Teorias Liberal e Realista, por exemplo, buscam espelhar a realidade de forma fiel considera que estas abordagens utilizam moldes “congelados” e por isso, por vezes, desconsideram questões subjetivas (BLEIKER, 2001; 2009; SHAPIRO, 2004)

As perspectivas predominantes nos estudos de Relações Internacionais enfatizam que lidar com os dilemas da política mundial requer abordagens rigorosamente científicas para garantir certeza diante dos desafios. Tais abordagens trazem técnicas valiosas, mas não podem ser consideradas como as únicas formas de análise, pois possuem limitações; não há teoria que cubra todos os assuntos e eventos existentes. Ademais, tais perspectivas por vezes desconsideram o contexto de quem analisa; a ideia seria de que se as técnicas teóricas forem bem aplicadas em análises, poderia-se quase neutralizar o contexto e opinião do cientista social ou político que realiza a análise. Nesse sentido entra a defesa de olharmos para arte e cultura popular ao analisar política internacional. Ao olharmos para as questões estéticas obtemos uma compreensão reflexiva e sensível do político, distinta da análise técnica das ciências sociais. Isso implica uma apreciação mais profunda de perspectivas excluídas e das dimensões emocionais da política (BLEIKER, 2009).

3.1 A IMPORTÂNCIA DA CULTURA POPULAR DENTRO DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Produções audiovisuais são uma importante forma de expressão artística da cultura popular. Ao compreendermos o significado de identidade e a formação da nação, conforme discutido nas seções anteriores, percebemos que há uma grande importância, para a criação do imaginário de unidade coletiva, o compartilhamento de mitos, símbolos e narrativas. Podemos, entretanto, aprofundar nossa compreensão da relação entre a cultura popular e as relações internacionais através de alguns pontos. Por meio de filmes, séries e novelas, por exemplo, indivíduos expressam suas perspectivas e emoções a respeito do mundo ao seu redor e suas experiências pessoais vividas. A partir daí há dois movimentos interessantes: há uma promoção de conexões emocionais e há a preservação de memória coletiva (WELDES, 2003).

A arte possui a capacidade intrínseca de despertar emoções e estabelecer conexões emocionais em três níveis: entre os criadores da arte, entre aqueles que produzem e os que consomem a arte e entre os próprios consumidores. Essas conexões estabelecem uma forma de "comunicação invisível", uma vez que não ocorre necessariamente uma troca aberta e formal de opiniões, como seria o caso em um artigo científico. Essas ligações emocionais emergem quando indivíduos compartilham um contexto social comum. Por exemplo, elementos como o formato arquitetônico dos prédios ou práticas cotidianas, como comer com garfo e faca, não são necessariamente a informação mais importante de um filme, mas são elementos que fazem parte do pano de fundo e que podem ser extremamente familiares a

quem os vê. Mesmo algo aparentemente simples, como a maneira de comer, um pequeno detalhe presente no filme, uma ação reproduzida pelas personagens, age como um meio de comunicação, indicando que tanto a obra cinematográfica quanto seus criadores e espectadores estão enraizados no mesmo contexto social. Pensando em detalhes nem tão pequenos e por vezes bastante complexos, ao comunicar valores, ideias políticas e morais, podemos examinar como diferentes obras cinematográficas além de expressar como um coletivo de pessoas percebe eventos políticos e atores internacionais, também influenciam a maneira como as demais pessoas inseridas naquele contexto social percebem os mesmo eventos e atores internacionais. Isso pode levar a discussões sobre direitos humanos, democracia, justiça social e outros temas de relevância global (BLEIKER, 2009; WELDES, ROWLEY, 2015).

As conexões emocionais mencionadas emergem inicialmente no tempo “presente” da obra e são forjadas através do papel desempenhado pelos filmes como portadores de representações culturais. Consideradas as conexões geradas pelas mensagens cinematográficas, podemos perceber a capacidade de produtos audiovisuais têm de refletir questões de identidade e memória, que desempenham um papel crucial nas relações internacionais. As narrativas culturais revelam como distintos atores e culturas se percebem e interagem entre si. Analisando a estética da arte e da cultura popular, é possível explorar como as memórias históricas moldam percepções e influenciam as ações dos Estados, moldando a compreensão de eventos passados e memórias coletivas. Tais narrativas, ao moldarem noções de identidade e estabelecerem distinções entre países e grupos, têm o potencial de reforçar estereótipos, bem como de questionar concepções sobre outras nações, povos e culturas. Essa influência pode ter implicações substanciais na reconciliação, resolução de conflitos e na promoção de entendimento mútuo entre nações (BLEIKER, 2009; WELDES, ROWLEY, 2015).

Apontar tais questões ao abordarmos a importância da cultura popular sem exemplos pode tornar a tarefa demasiadamente abstrata e desnecessariamente difícil. Mencionar um evento pode ser útil para melhor desenhar a questão: Após ocorrido o infeliz ataque às Torres Gêmeas em Nova Iorque, nos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001, houve um significativo impacto na política interna e externa estadunidense, momento em que o governo Bush iniciou a promoção da Guerra ao Terror. A Al-Qaeda, rede islâmica extremista, assumiu a responsabilidade pelos ataques às Torres Gêmeas, bem como pelos ataques coordenados em outras áreas dos Estados Unidos no mesmo dia, incluindo o ataque ao Pentágono, o quartel-general do Departamento de Defesa dos EUA, em Arlington, Virgínia. Cerca de 3.000

pessoas foram mortas nos ataques. Houve uma grande cobertura midiática do evento internacionalmente, mas principalmente dentro do próprio país; ocorreram e ainda ocorrem muitas produções cinematográficas com foco no tema ou com ele de fundo que comunicam a percepção daquela “dor nacional” de inúmeros ângulos, assim como preservam e dão voz a esta memória. O evento influenciou os discursos, as representações simbólicas e as construções de identidade afetando, por sua vez, a visão dos nacionais do “outro” (estrangeiro, principalmente quando árabe), a política externa do país e as relações internacionais (6 ABC ACTION NEWS, 2021; SHAPIRO, 2009).

Este evento, claro, é apenas uma exemplificação de como as ideias de preservação de memória, conexão emocional e identidade nacional a nível de política internacional podem ser aplicadas. A partir de um evento, surgem inúmeros produtos, filmes, que servem de análise para que possamos compreender as diferentes perspectivas que aqueles nacionais carregam e como aquele momento afeta sua compreensão de identidade, do “outro” estrangeiro e da política internacional. As produções audiovisuais têm a capacidade singular de narrar histórias fictícias baseadas na realidade, ancoradas em experiências individuais, refletida em um trabalho coletivo (tendo em vista que produções cinematográficas envolvem o trabalho de mais de uma pessoa). Os filmes adquirem um caráter de representatividade diante de acontecimentos marcantes. Ao analisar obras cinematográficas, é possível identificar as narrativas subjacentes que configuram a percepção pública acerca de conflitos, relações internacionais e identidades nacionais. Assim, o meio audiovisual se estabelece como uma plataforma influente na configuração das perspectivas coletivas sobre tais eventos (BLEIKER, 2009; RANCIÈRE, 2005).

Todavia, há um detalhe a se notar quando pensamos no impacto que a cultura popular tem na população de uma nação ou no impacto que produz na imagem de uma nação para o exterior. Quem normalmente realiza grandes produções cinematográficas de amplo alcance são as elites nacionais, tendo em vista que é necessário um alto investimento financeiro para ter um grande alcance de público; como já havia apontado Adorno e Horkheimer ao falarem sobre como a indústria cultural elabora produtos a serem distribuídos para as massas (ADORNO; HORKHEIMER, 2002).

Vale ressaltar aqui os argumentos de Hobsbawm, que explorou como as elites desempenham um papel estratégico na promoção do nacionalismo e da cultura como formas de consolidar a identidade nacional e manter a coesão social. Há instrumentalização do nacionalismo pelas elites, que ocorre por meio da criação e disseminação de elementos culturais e narrativas que reforçam a sensação de pertencimento e unidade dentro de uma

nação. Por vezes, as narrativas históricas e símbolos culturais criados, podendo incluir a promoção de heróis nacionais, eventos históricos e tradições culturais, unificam o povo em torno de uma identidade compartilhada; essas mesmas narrativas podem promover discursos políticos que utilizam da retórica nacionalista para mobilizar o apoio público a agendas específicas e unificar o povo em torno de objetivos comuns (HOBSBAWN; RANGER, 1997).

Nesse sentido podemos observar como a perspectiva a respeito do ataque às Torres Gêmeas no 11 de setembro promovida por filmes naquela época era majoritariamente uma instrumentalização do cinema pelas elites para promover união e coesão social em prol da Guerra ao Terror, contra novos atentados. Houve uma movimentação política para promover união nacional que partiu do Governo Bush ao buscar as elites da indústria cinematográfica com a intenção de encontrar apoio para transmitir não só o impacto emocional de uma perda coletiva, mas também para enaltecer a união e força do Estado-Nação norte-americano (CALVO; LOS ANGELES TIMES, 2001; CETTL, 2009; PRINCE, 2009).

Logo, quando pensamos em como a cultura popular e as formas de entretenimento comunicam ideais e valores nacionais, é crucial ressaltar que o consumo desses conteúdos permeia as massas, mas na grande maioria das vezes não é produzida por elas. É fundamental levarmos em consideração os múltiplos ângulos dessa análise, pois claramente as obras artísticas comunicam as perspectivas de uma nação a respeito de como aquela cultura se enxerga e como vê outras sociedades, mas não podemos desconsiderar que as obras de amplo alcance costumam ser produzidas pelas elites. Como um ciclo, as elites acabam por guiar o sentimento de pertencimento nacional, entretanto, há que se considerar que as elites também se alimentam da cultura popular e, por sua vez, tem sua percepção impactada por ela, pois apesar de pertencer a diferentes estratos sociais, o grupo social privilegiado pertence ao mesmo coletivo nacional. Ou seja, a elite guia a concepção de identidade nacional, mas não está alheia a ela. Isto significa que há uma retroalimentação da expressão, da promoção e do consumo dos símbolos e narrativas nacionais (BLEIKER, 2018; HOBSBAWM, 2004; SHAPIRO, 2019).

3.2 A INFLUÊNCIA DO CINEMA NA NAÇÃO: O “JOGO DE DOIS NÍVEIS” E A POLÍTICA EXTERNA

O cinema pode ser visto como uma das formas de arte e cultura popular com maior potencial comunicativo, não porque todo filme comunica mensagens políticas e símbolos valiosos, mas porque o recurso tecnológico do cinema pode incluir em si as demais formas de

expressão artística, como literatura, música, pintura e fotografia por exemplo, ocorrendo em uma “meta-arte”, um cruzamento de linguagens artísticas. Os símbolos, narrativas, perspectivas e mitos que um filme pode carregar através de sons, sequência de imagens, enredo, falas ditas, torna esta forma artística um prato cheio, complexo e rico em informações objetivas e subjetivas (DELEUZE, 2005). Como um forte vetor de ideias e símbolos, os filmes têm um importante efeito ao impactar o consumidor de suas ideias. Ao alcançar o espectador, as imagens, sons e narrativas de um filme estabelecem uma dinâmica de processo dual que envolve por um lado a incorporação, pelo indivíduo, das ideias comunicadas e, por outro, a subsequente restituição destas ideias, já internalizadas, ao âmbito social. Este ciclo interativo entre os conteúdos filmicos e o receptor resulta em uma intersecção entre o nível pessoal e o coletivo, no qual as ideias emergem como participantes ativas na esfera social (SHAPIRO, 2009; WELDES, 2003).

É neste sentido que, ao olharmos para a estética e cultura, obtemos perspectivas alternativas e complexas que podem não ser exploradas de maneira tão direta nas abordagens tradicionais de Relações Internacionais. As produções cinematográficas, produto da indústria cultural e da cultura popular de uma nação, tem um alcance amplo com potencial de moldar a opinião pública em relação a eventos e políticas internacionais. Elas podem afetar a maneira como as pessoas compreendem conflitos, questões de direitos humanos, cooperação internacional e outros temas globais. Elementos da cultura popular podem destacar questões internacionais e influenciar a atenção dada a elas. A arte tem a capacidade de explorar as complexidades das dinâmicas de conflito e paz, evocando emoções e ilustrando os efeitos das tensões nas populações afetadas (BLEIKER, 2009; WELDES, ROWLEY, 2015).

Considerando o papel do cinema no fortalecimento da identidade nacional, reforçando valores culturais, tradições e narrativas históricas, o recurso audiovisual acaba funcionando também como uma ferramenta de influência na opinião pública. Tal situação ocorre pois na produção de enredos de filmes há certa preocupação em engajar e envolver o espectador com a história contada, sendo assim busca-se elaborar produções que gerem empatia e identificação com os personagens. Isso permite que o público se conecte emocionalmente com os temas e as mensagens do filme, o que acaba influenciando suas perspectivas e atitudes em relação a questões sociais, políticas e culturais. Logo, ao retratar determinados grupos, ideologias ou eventos, a forma retratada conecta-se com como o público percebe esses elementos e, conseqüentemente, acaba por provocar reflexões ou, até mesmo, assimilações inconscientes do conteúdo (DELEUZE, 2005).

Apesar de serem ficcionais, os filmes muitas vezes refletem ou interpretam aspectos da sociedade, política e cultura, por consequência eles podem ressaltar quais questões são relevantes e contemporâneas, podendo influenciar a agenda pública, definindo quais questões são consideradas relevantes e merecedoras de discussão. Quando um filme aborda um tema específico, num cenário em que vários filmes abordem o tema, ou no caso de apenas um filme alcançar grande público, pode ocorrer um aumento da conscientização e da discussão sobre esse tema na sociedade. Produções audiovisuais têm o potencial de revelar perspectivas alternativas ou ocultas, o que pode desafiar as opiniões existentes e levar a uma reavaliação das crenças políticas. Desta maneira o papel de influência do cinema, uma bem-sucedida ferramenta para moldar a identidade nacional de um país, também se revela como uma ferramenta de influência da opinião pública (BLEIKER, 2009; WELDES, ROWLEY, 2015).

Não se considera neste trabalho que filmes são o único fator para moldar a identidade nacional, assim como não se considera que são o único fator a influenciar a opinião pública. Entretanto, o filme não se limita em si; os assuntos abordados por ele se multiplicam e se estendem para além da esfera do filme, tornando-se potencialmente um assunto efervescente e impactando até mesmo quem não o assistiu muitas vezes. Tomando de exemplo umas das produções hollywoodianas mais recentes, que envolveu grande investimento financeiro, pode-se utilizar o filme *Barbie* para melhor entender como um filme pode atingir pessoas para além de seu público. O longa-metragem conecta-se com o espectador de forma nostálgica, através de uma boneca que fez parte da infância de muitos, mas também conecta-se com quem ainda não a conhecia ou brincou com ela levantando discussões sobre feminismo. A questão é, principalmente devido ao potencial de amplificação de assuntos que a internet tem, as interações e engajamento ao redor do filme permitiram que as informações sobre o conteúdo dele viralizassem e alcançassem um público vasto e diversificado, alimentando discussões entre usuários das plataformas de redes sociais (LOWRY; CNN, 2023).

Para uma compreensão direta da relação entre evento político, produção cinematográfica, identidade nacional, opinião pública e política externa, vale trazer à tona novamente o encontro de Bush com a elite cinematográfica nacional após o 11 de setembro de 2001, com o propósito de incentivar uma forte produção de conteúdo cinematográfico tendo o ataque às Torres Gêmeas como tema, fosse central na obra ou pano de fundo da história. A grande quantidade de conteúdo gerada fez com que hoje em dia, mais de 20 anos depois, a temática ainda seja desenvolvida e discutida; a memória do evento não permaneceu viva somente por ter sido presenciado por aqueles que viveram e compreenderam o acontecimento no momento em que aconteceu, mas jovens adultos estadunidenses podem sentir o evento

com grande intensidade e impacto por conta da memória viva gerada por filmes, apesar de não terem absolutamente nenhuma lembrança real do acontecimento. O evento que em nenhum momento ocorreu em vida para estes jovens gera um forte impacto ainda hoje em como o nacional norte-americano se vê, como enxerga o “outro” estrangeiro, moldando suas crenças a respeito de quais assuntos são importantes para a sua política nacional e como acredita que deve ser sua política externa (PRINCE, 2009; SHAPIRO, 2008, 2019).

A política externa que se refere ao conjunto de estratégias, decisões e ações que um país adota para interagir e lidar com outros países e atores internacionais, envolve a formulação de objetivos e interesses nacionais, a negociação de acordos bilaterais e multilaterais, a participação em organizações internacionais e a condução de relações diplomáticas, comerciais, de segurança e culturais com outras nações. A política externa reflete as prioridades de um país no cenário global, considerando fatores como segurança, economia, direitos humanos, meio ambiente e outros aspectos relevantes para seus interesses e valores (FIGUEIRA, 2011).

Pode-se entender com maior clareza a relação entre opinião pública e política externa a partir da compreensão da Teoria do Jogo de Dois Níveis elaborada por Robert D. Putnam. Publicada pela primeira vez em um artigo em 1988 para explorar como e quando a política interna influenciava a política externa e vice-versa, a teoria intenciona compreender esta relação por meio de uma abordagem não-estadocêntrica. A lógica de Putnam quebra a concepção de que Estados são como bolas de bilhar e que o Sistema Internacional seria como uma mesa de sinuca, uma elucidação da Teoria Realista de Relações Internacionais. Para a compreensão das tomadas de decisões em ambiente internacional, o autor afirma:

A luta política de várias negociações internacionais pode ser útilmente concebida como um jogo de dois níveis. No nível nacional, os grupos domésticos perseguem seu interesse pressionando o governo a adotar políticas favoráveis a seus interesses e os políticos buscam o poder constituindo coalizões entre esses grupos. No nível internacional, os governos nacionais buscam maximizar suas próprias habilidades de satisfazer as pressões domésticas, enquanto minimizam as consequências adversas das evoluções externas. Nenhum dos dois jogos pode ser ignorado pelos tomadores de decisão, pois seus países permanecem ao mesmo tempo interdependentes e soberanos (PUTNAM, 2008, pg 151).

É desta forma que se compreende a influência da cultura popular, da mídia e dos filmes na formação de opinião. Os diferentes grupos nacionais e suas disputas são o que definem quais assuntos importam para o Estado-Nação e onde o país deve despender energias e esforços. Há uma complexa interação entre líderes políticos e grupos de interesse ou atores

domésticos (nível doméstico) em processos de tomada de decisão que envolvem negociações internacionais. Considerando a capacidade que as produções cinematográficas têm de moldar percepções, fortalecer temas ao aumentar a atenção dada a assuntos e eventos, quando as mensagens e símbolos são absorvidas pela população, isso se reflete nas demandas dos diversos grupos domésticos e impacta o desafio que líderes políticos têm de equilibrar as demandas desses grupos domésticos com as pressões e objetivos internacionais. A necessidade por estratégias de negociação e compromisso que atendam às demandas de ambos os níveis, resulta em políticas externas que refletem essa complexa interação (BLEIKER, 2009; PUTNAM, 2010).

4 IDENTIDADES NACIONAIS E CULTURAS HÍBRIDAS: O AUDIOVISUAL PRODUZIDO POR POTÊNCIAS HEGEMÔNICAS

A evolução tecnológica tem caminhado lado a lado com o crescimento da globalização econômica, política e cultural, permitindo uma maior conectividade entre diferentes partes do mundo. Essa interconexão resulta em um cenário de constante troca de influências culturais entre sociedades de diversas origens. O avanço da tecnologia permitiu uma disseminação mais rápida e ampla de informações, produtos e ideias, transcendendo fronteiras geográficas e permitindo que culturas diversas se influenciem mutuamente. Nesse contexto, a normalização do consumo de shoyu, mesmo entre pessoas sem ascendência asiática, ilustra como a difusão de elementos culturais pode ocorrer de maneira abrangente, influenciada pelo aumento do fluxo de informações e da exposição a produtos culturais globalizados (CANCLINI, 2001; ROCHA, SHIMODA, 2014).

A ideia de que as culturas se mesclam, se cruzam e se transformam através de contatos culturais diversos, resultando na formação de novas expressões culturais que não podem ser facilmente atribuídas a uma única origem, é um conceito desenvolvido por Néstor García Canclini; o conceito de “Culturas Híbridas”. Abordando a interação complexa entre diferentes culturas em um mundo globalizado, o autor afirma que as culturas não são estáticas e isoladas, mas estão constantemente em fluxo devido às interações entre diferentes grupos e influências culturais. Essas influências podem ser transmitidas através da migração, da mídia globalizada, comércio internacional e tecnologia de comunicação. Ao explorar como as culturas híbridas são moldadas por estratégias individuais e coletivas de adaptação à modernidade e à globalização, pode-se analisar como as pessoas incorporam elementos de diferentes culturas em suas vidas cotidianas, selecionando, reinterpretando e mesclando tradições (CANCLINI, 2001).

A teoria de Homi K. Bhabha sobre o "terceiro espaço" ganha relevância nesse cenário. O termo refere-se a um espaço de encontro e interação entre culturas diversas, que vai além das definições tradicionais de identidade fixa e estável; o "terceiro espaço" é um local onde as culturas se misturam, negociam e transformam, criando algo novo e único que não pode ser categorizado simplesmente como parte de uma cultura ou de outra. Nesse espaço, que surgiria como resultado das tensões e ambiguidades entre as culturas dominantes e as culturas subalternas, as identidades são construídas de forma híbrida, influenciadas por múltiplas perspectivas culturais. É desta forma que o conceito destaca a importância do reconhecimento da complexidade das identidades culturais e do poder de subversão das culturas subalternas

em meio a relações desiguais, oferecendo uma nova forma de entender como as identidades culturais são formadas e transformadas, não como entidades fixas, mas como processos fluidos e em constante evolução (BHABHA, 2005).

À medida que as barreiras culturais se tornam menos rígidas devido à comunicação global e ao comércio internacional, emerge um espaço intercultural no qual as culturas se encontram, se fundem e se redefinem. A tecnologia moderna, incluindo a internet e as redes sociais, desempenha um papel crucial nessa criação de um "terceiro espaço", proporcionando um ambiente onde diferentes culturas podem interagir e se entrelaçar. A mídia globalizada, incluindo filmes, séries de TV e música, serve como um veículo que transcende fronteiras nacionais, contribuindo para a formação desse espaço intercultural. Desta forma adquirimos a compreensão de que a evolução tecnológica e a interconexão global têm um importante papel de moldar as relações internacionais e a identidade nacional, resultando na constante troca e fusão de influências culturais (BHABHA, 2005).

Cabe observar que, devido ao desenvolvimento progressivo da internet e o crescente aumento das plataformas de streaming, há um impacto na forma de consumo de produção audiovisual em diversos países. Com a Web 2.0, o consumo de filmes foi facilitado; os indivíduos não necessitam se locomover, pagar um ingresso a cada filme ou ficarem dependentes do conteúdo disponível em televisão. É importante ressaltar que os serviços de streaming legalizados, ou seja, aqueles que não fornecem conteúdo pirata, são pagos; entretanto, pelo valor que se pagaria por o equivalente a cerca de duas entradas ao cinema, pode-se pagar um mês inteiro de acesso a conteúdos. Tal situação possibilita uma ampliação dos efeitos que os filmes têm nas identidades nacionais e seu potencial de provocar a hibridização da cultura; entre os motivos, devemos considerar que as maiores empresas de streaming audiovisual, com atividade em múltiplos países, são estadunidenses, como a Netflix, Amazon Prime Video, Disney+, HBO Max, Apple TV+ e Hulu. Tomando a empresa Netflix como exemplo, sua plataforma costuma também produzir conteúdo local para ofertar à nação na qual busca por consumidores, mas ainda assim a maior oferta são de produções norte-americanas (MAIA ALVES, 2019; UNESCO, 2015).

Ao refletirmos sobre o consumo de filmes estrangeiros em plataformas de streaming, percebemos que o desenvolvimento e aprimoramento da internet possibilita que muitos indivíduos com acesso a um equipamento eletrônico, como um celular, acessem a grande quantidade de conteúdo oferecido. Entretanto, precisa-se considerar que as estruturas de poder globais são estabelecidas e mantidas por atores hegemônicos, o que se reflete no contexto da indústria audiovisual. Logo, a capacidade de produzir uma grande quantidade de conteúdo

vem de quem concentra o capital; grandes estúdios de Hollywood ou conglomerados de mídia exercem influência sobre a produção, distribuição e promoção de filmes e conteúdo audiovisual. Por isso, devemos levar em conta a hegemonia cultural decorrente da força política que o país norte-americano tem. Essa hegemonia acaba afetando também as preferências de consumo, que são moldadas por narrativas dominantes promovidas pelos atores hegemônicos (GILL, 1995; 2003). Por consequência, ao consumir as narrativas de uma nacionalidade externa, a identidade nacional das culturas dominantes mesclam-se às culturas subalternas, provocando hibridização e movimento, ressaltando a fluidez das identidades (BHABHA, 2005).

Sendo assim, a interconexão entre as ideias de “terceiro espaço” de Homi K. Bhabha e “culturas híbridas” de Néstor Garcia Canclini oferecem uma abordagem enriquecedora para compreender a complexidade das dinâmicas culturais contemporâneas e seus impactos na formação e manutenção das identidades nacionais. Enquanto o conceito de terceiro espaço funciona como uma metáfora para o processo de intercâmbio cultural, falando sobre a criação de espaços “imaginários” de encontro e diálogo entre culturas, a ideia de culturas híbridas explana como elementos de diferentes culturas se misturam e se transformam em novas formas culturais, rompendo com noções rígidas de autenticidade cultural. Esses conceitos oferecem um quadro analítico que reconhece a fluidez, a interdependência e a dinâmica contínua das expressões culturais e das identidades, alinhando-se com a visão de Stuart Hall, que considera a identidade como um processo em constante mudança, moldado por fatores sociais, históricos e culturais. A combinação dessas ideias sugere que as identidades individuais e coletivas são produtos da interação entre culturas e da negociação constante de significados (BHABHA, 2005; CANCLINI, 2001; HALL, 2006).

Nesse contexto, o conceito de hegemonia de Gramsci torna-se importante para obtermos uma perspectiva aprofundada sobre como as dinâmicas culturais e identitárias são influenciadas por relações de poder e influências hegemônicas. Levando em conta que a noção de hegemonia refere-se à dominação cultural e ideológica exercida por grupos dominantes para manter o controle sobre a sociedade, podemos considerar como as práticas culturais híbridas e a construção de identidades no terceiro espaço podem ser moldadas ou desafiadas pela hegemonia (GRAMSCI, 2017).

Tais concepções tornam-se fundamentais para entender um dos pontos-chave do trabalho: O consumo da cultura externa, do cinema estrangeiro, por uma dada "bolha nacional" impacta diretamente nas suas concepções do que forma e une a sua comunidade imaginada. Todavia, podemos pensar em como a “bolha nacional” devolve o que consumiu?

Há um certo processo realizado pela população consumidora de ingestão do conteúdo, digestão, absorção e devolução - às vezes, uma absorção e devolução crítica a respeito do conteúdo, às vezes, mimética - logo, se por um lado as forças hegemônicas buscam promover e impor valores, crenças e narrativas da nação dominante, o que pode limitar a diversidade cultural, por outro há um desenvolvimento de um sincretismo cultural, promovendo novas formas de expressão híbridas de identidades nacionais que podem resistir ou subverter a hegemonia. A interação entre estas perspectivas críticas revela como as lutas por significado, poder e resistência ocorrem nas intersecções entre culturas, identidades e relações de poder (ALVES, 2010; BHABHA, 2005; CANCLINI, 2001).

5 A INDÚSTRIA CINEMATOGRAFICA HOLLYWOODIANA: PERSPECTIVAS INTERNAS DOS NACIONAIS E POLÍTICA EXTERNA ESTADUNIDENSE

Ao estudar o papel do cinema hollywoodiano nas relações internacionais, muitas vezes torna-se foco de pesquisa a Diplomacia Cultural exercida pelo país e os efeitos dessa promoção nacional no Sistema Internacional, assim como nas suas relações bilaterais. A questão é muito importante de se considerar, mas é importante que não se esqueça que a produção audiovisual do país afeta, antes de tudo, seus nacionais. Nesta última seção, busco explorar como os valores norte americanos propagados em seus filmes afetam seus nacionais e, por consequência, sua política interna e externa.

Como verificamos anteriormente, o cinema, uma forma de expressão da cultura popular, exerce um papel significativo na construção e consolidação da identidade nacional. No caso dos Estados Unidos, a indústria cinematográfica desenvolveu-se ao longo do século XX desenvolvendo-se em um importantíssimo vetor de valores nacionais, comunicando imagens e sons e propagando narrativas e perspectivas, contribuindo para moldar a percepção interna e externa do país. Através de filmes que retratavam a história, os mitos fundadores e a diversidade cultural dos Estados Unidos, o cinema permitiu que os cidadãos se conectassem com uma narrativa comum e compartilhassem símbolos e experiências que fortaleceram o senso de pertencimento à nação. Os gêneros cinematográficos como o western e o filme de guerra, por exemplo, contribuíram para a construção de imagens heróicas e de valores como coragem e patriotismo, consolidando uma identidade enraizada em elementos culturais e históricos específicos (CASO, HAMILTON, 2015; SHAPIRO, 2009).

Logo, é importante reconhecer que o cinema é uma arena onde a complexidade da identidade nacional se desdobra. Há uma grande diversidade étnica, social e cultural nos Estados Unidos que muitas vezes se reflete nas produções cinematográficas, proporcionando uma plataforma para explorar diferentes perspectivas e desafiar as noções homogêneas de identidade. O que vale ressaltar é que muitas vezes o cinema que não vai de encontro com os valores tradicionais e não é produzido por grandes conglomerados não têm o mesmo impacto que os *blockbusters* com grande popularidade e sucesso financeiro; os *blockbusters* da indústria cinematográfica hollywoodiana frequentemente envolvem grande investimento financeiro e capturam e reforçam os valores, crenças e narrativas culturais da sociedade estadunidense. Através de personagens, enredos e temas, estes filmes oferecem aos cidadãos nacionais uma visão de sua própria identidade coletiva, fortalecendo sentimentos de pertencimento e conexão. Ao proporcionar uma experiência compartilhada, os *blockbusters*

moldam uma perspectiva interna que pode influenciar as atitudes dos cidadãos em relação aos temas abordados (HALL; NEALE, 2010).

Sendo assim, devemos considerar que os ditos “blockbusters” refletem as preferências culturais e as perspectivas da elite nacional. Esses filmes frequentemente promovem narrativas que ressoam com valores e interesses que são importantes para a elite e, por extensão, para o *establishment* dominante (HOBSBAWN, 2004). Logo, percebe-se que o poder hegemônico exercido pela classe dominante é mantido não apenas através da coerção, mas também através da conquista das mentes e corações das massas por meio da criação de uma cultura hegemônica. Essa cultura hegemônica é internalizada pelas classes subalternas como uma parte natural da ordem social. Nesse contexto, os blockbusters atuam como ferramentas culturais de disseminação da hegemonia. Eles são capazes de construir consenso e moldar percepções populares, legitimando a visão de mundo e os interesses da elite dominante (ADORNO, HORKHEIMER, 2002; ALVES, 2010) .

Os blockbusters têm o poder de construir e reforçar a identidade nacional para além das fronteiras nacionais, funcionando como uma ferramenta para projetar uma imagem de nação poderosa, moralmente justificada em suas ações, ou reforçar uma ideologia específica que mantém a coesão social. Ao fazer isso, esses filmes de sucesso ajudam a consolidar a posição da elite como guardião da cultura e dos valores nacionais, fortalecendo sua legitimidade, promovendo seus interesses e consolidando a sua influência cultural e política, o que contribui para a construção da hegemonia que guia a percepção pública sobre questões nacionais e internacionais (HALL; NEALE, 2010).

Desta forma é relevante trazer exemplos de como eventos podem incentivar a produção de longas-metragem de forma massiva, seja por envolvimento emocional, seja por incentivo governamental, como foi o caso do 11 de setembro de 2001. Tendo em vista que as representações visuais podem moldar a memória coletiva e as narrativas sobre eventos passados e que os blockbuster hollywoodianos têm um alcance global e podem moldar as percepções de países estrangeiros sobre os Estados Unidos, importa notar como as questões abordadas pelo conteúdo cinematográfico fruto do 11 de setembro moldam os valores nacionais e impactam eventos futuros. Estes meios visuais desempenham um papel influente tanto nas identidades nacionais quanto nas relações internacionais ao serem uma forma de estética política (BLEIKER, 2009; MUZZATTI, 2017; KELLNER, 2003; 2010).

5.1 O 11 DE SETEMBRO E A GUERRA AO TERROR DO GOVERNO BUSH

No dia 11 de setembro de 2001 os Estados Unidos da América sofreram o maior atentado terrorista ocorrido em solo nacional. O dia trágico se tornou imediatamente um evento midiático, os ataques e a sequência de acontecimentos eram acompanhados em todo o país em tempo real, transmissões internacionais também acompanhavam o terrível evento simultaneamente. O país, tendo George W. Bush como Chefe de Estado, declarou Guerra na mesma noite, a guerra que ficou conhecida como “Guerra ao Terror”. De acordo com o presidente à época, a nação não se mostraria fraca perante os ataques, mas sim mais forte; Bush declarou que os terroristas e qualquer um que os abrigasse eram oficialmente inimigos do Estado. Milhares de vidas foram perdidas naquele dia; tudo aconteceu muito rápido, mas as sequelas perduraram (6 ABC ACTION NEWS, 2021; PECEQUILO, 2012; SHAPIRO, 2009).

As imagens de aviões voando contra edifícios, incêndios e enormes estruturas desmoronando nos encheram de descrença, uma tristeza terrível e uma raiva silenciosa e inflexível. Estes atos de assassinato em massa pretendiam assustar a nossa nação, levando-a ao caos e à retirada. Mas eles falharam; nosso país é forte. Um grande povo foi movido para defender uma grande nação. Os ataques terroristas podem abalar os alicerces dos nossos maiores edifícios, mas não podem atingir os alicerces da América. [...] A busca está em andamento por aqueles que estão por trás desses atos malignos. Direcionei todos os recursos das nossas comunidades de inteligência e aplicação da lei para encontrar os responsáveis e levá-los à justiça. Não faremos qualquer distinção entre os terroristas que cometeram estes actos e aqueles que os abrigam (BUSH, 2001a, tradução nossa).

Ao anunciar a sua investida contra o terrorismo, o presidente Bush não se limitou apenas a ações militares; em seus discursos e iniciativas, ele também empregou uma estratégia de apelo emocional. No equilíbrio entre suas palavras de condolências e de desejo por vingança, Bush procurou mobilizar o público. Desta forma, o então presidente tendo suas ideias e discursos amplamente divulgados pela mídia e sendo fortemente consumidos por uma nação assustadas, angariou apoio popular em prol do fortalecimento e união da nação contra o mal do terrorismo, o “Eixo do Mal”. Assim, os eventos do 11 de setembro tornaram-se justificativa para diversas e intensas modificações políticas, legais e securitárias, acarretando em uma reorientação das políticas internas e externas. Este realinhamento, no entanto, não impactou as políticas interna e externa apenas do Estado norte-americano (BUSH, 2001b; KELLNER, 2003; PECEQUILO, 2012).

Como uma potência hegemônica, ao alterarem suas prioridades e ajustarem sua posição dentro do Sistema Internacional, os Estados Unidos provocaram e exigiram um realinhamento dos demais atores integrantes do SI. A partir da perspectiva maniqueísta estadunidense, havia agora apenas duas possibilidades para os Estados: mostrar-se um aliado americano e, por conseguinte, um defensor da democracia e da liberdade, ou ser identificado como parte do "Eixo do Mal". Dessa maneira, o governo norte-americano exigia um posicionamento claro de seus parceiros ou de seus possíveis inimigos; tanto por seu poderio político quanto econômico e, por consequência, seu "poder cultural", o país obteve respostas a este chamado (KELLNER, 2003; PECEQUILO, 2012).

Os ataques terroristas ocorridos em 11 de setembro de 2001 emergiram como um evento de caráter transformacional que não apenas redefiniu a política, mas também delineou profundas implicações na cultura e sociedade americana, ao mesmo tempo em que provocaram mudanças de alcance global. Esse ponto de inflexão foi central para a configuração da primeira década do século XXI, que ficou fortemente marcada pela instauração da "Guerra ao Terror", uma abrangente campanha antiterrorista promovida pela administração de Bush. A condução dessa campanha, em sua essência, abarcou desde reestruturações na administração interna até reformas na legislação dos Estados Unidos, englobando medidas direcionadas ao controle fronteiriço e à vigilância social (KELLNER, 2003).

Nesse contexto, o conceito de identidade nacional, conforme explorado por Hobsbawm, desempenha um papel crucial. A crise provocada pelos ataques terroristas não apenas instigou uma busca por solidificação da identidade nacional estadunidense, mas também desencadeou uma reavaliação e redefinição daquilo que a nação representava perante o mundo. Esta reconfiguração identitária se entrelaça com o conceito de hegemonia de Gramsci, uma vez que o trauma do 11 de setembro galvanizou esforços para consolidar a supremacia dos valores e interesses estadunidenses não apenas internamente, mas também globalmente. A narrativa da "Guerra ao Terror" serviu como uma estrutura ideológica que sustentou essa hegemonia e justificou ações internacionais (ALVES, 2010; HOBBSAWN, 2004).

Nesse sentido e indo ao encontro do tema central do trabalho, é vital considerar a influência da cultura popular e do cinema nesse cenário, pois o evento não atingiu apenas as dimensões políticas e econômicas, mas também reverberou nos aspectos culturais da nação. Os ataques de 11 de setembro provocaram uma intensificação da produção cultural e midiática, que refletiam ao mesmo tempo que moldavam a resposta emocional e ideológica da

sociedade norte-americana e global. A cultura popular tornou-se uma plataforma pela qual a retórica, e os objetivos da "Guerra ao Terror" eram comunicados e internalizados, contribuindo para a construção da narrativa nacional em um contexto de transformação e incerteza (SHAPIRO, 2009; WELDES, 2003). O dia 11 de setembro marcou o início do século para os Estados Unidos, entretanto não o marcou com tamanha intensidade somente por ter acontecido; o impacto do terrorismo foi amplificado devido à divulgação midiática intensa e à produção cinematográfica subsequente, que auxiliaram a consolidar e fortalecer os valores nacionais que nortearam a resposta do país aos acontecimentos. A reação diante dos ataques não apenas influenciou a política externa e as alianças internacionais, mas também reforçou os alicerces da identidade nacional, situando-se como um momento crítico no delineamento do ethos nacional (TRAUGOTT; BRADER, 2003).

Como citado anteriormente no texto, ocorreu de forma concreta um alinhamento entre o presidente George W. Bush e a elite cinematográfica nacional após o 11 de setembro. Ao envolver a indústria de entretenimento no combate ao terrorismo, o governo dos Estados Unidos buscava obter apoio para os esforços de segurança nacional, aumentar o patriotismo e criar uma narrativa coesa em torno da "Guerra ao Terror". A administração Bush buscou utilizar a influência da indústria cinematográfica para construir um senso de unidade e força perante os eventos traumáticos, ao mesmo tempo em que moldava a percepção pública sobre as ações do governo (CALVO; LOS ANGELES TIMES, 2001; PRINCE, 2009).

A produção de filmes, programas de televisão e várias outras formas de mídia possibilitou o fomento de um sentimento coletivo de solidariedade entre os americanos, ao mesmo tempo que fortalecia o apoio às medidas adotadas em resposta aos ataques de 11 de setembro. A administração de Bush deu importância à opinião pública e às possíveis ramificações das políticas pós-incidente; Hollywood, sendo uma potente força de influência, detinha e ainda detém um poder substancial sobre a cultura popular, exercendo um impacto considerável na formação do sentimento público, na validação da reorientação da agenda política e no restabelecimento de prioridades para os nacionais. A colaboração com Hollywood serviu com o propósito de cultivar uma narrativa coerente em torno dos eventos de 11 de setembro e da subsequente "Guerra ao Terror", com a intenção estratégica de influenciar a percepção pública das ações do governo e legitimar suas decisões políticas (MUZZATTI, 2017; SHAPIRO, 2009).

Hollywood, como uma indústria bem equipada e de amplo alcance, se mostrou uma eficaz alternativa para alcançar a população. O amplo alcance de filmes e programas de televisão possibilitou a disseminação de sua mensagem para um público diversificado e

abrangente, permitindo que a narrativa da administração ressoasse entre diversos segmentos da sociedade nacional e internacional. A indústria cultural produzida por Hollywood tinha como intenção registrar o ataque de 11 de setembro, transformando-o em uma memória duradoura, de forma que não se pudesse esquecer ou ignorar o acontecimento. A produção cinematográfica massiva capturava a angústia de uma nação, mas também buscava retratar a dor das nações aliadas; como dito pelo presidente dos EUA em diversos momentos, foi um ataque à liberdade e à democracia, não só à nação americana. Ao retratar a situação, para além de provocar empatia no espectador estadunidense, os filmes tiveram a intenção de fazer os indivíduos em países aliados estrangeiros sentirem essa dor e se imaginarem nesse lugar de luto (MUZZATTI, 2017).

Neste sentido, torna-se relevante a conceituação de “Comunidades Imaginadas” de Benedict Anderson e de Indústria Cultural de Adorno e Horkheimer, pois nos permite perceber como a indústria do entretenimento e a construção de narrativas podem influenciar a percepção pública e a coesão social em momentos de crise. As nações modernas como construções sociais imaginárias tornam-se possíveis através do compartilhamento de uma identidade coletiva entre indivíduos, apesar de nunca interagirem com todos os membros dessa comunidade. O cinema, como uma forma de mídia massiva e difundida, desempenha um papel crucial na moldagem dessa identidade coletiva ao transmitir narrativas e imagens que evocam sentimentos de pertencimento e solidariedade. No contexto dos eventos traumáticos do 11 de setembro, essa relação se torna particularmente evidente (ADORNO, HORKHEIMER, 2002; ANDERSON, 2008).

Após os ataques de 11 de setembro, a interseção entre a teoria das comunidades imaginadas e o conceito de indústria cultural tornou-se palpável. Hollywood, como uma influente produtora cultural, assumiu o papel de forjar uma narrativa coesa em torno dos eventos. A produção cinematográfica em larga escala buscou representar a dor e a resiliência da nação, mas também se estendeu a uma dimensão global, ao refletir sobre o impacto dos ataques em uma escala mais ampla. Ao construir essa narrativa, Hollywood não apenas contribuiu para a formação de uma comunidade imaginada dos cidadãos americanos, mas também promoveu uma noção de solidariedade global (SHAPIRO, 2009).

Ademais, a representação cinematográfica dos heróis, dos vilões e das narrativas de resgate contribuiu para a consolidação de um senso de união e patriotismo, assim como para a delimitação e figuração do “outro”, do inimigo, permitindo que os espectadores se identificassem com um ideal coletivo de resistência e defesa nacional. Ao mesmo tempo, a disseminação global dessas narrativas cinematográficas engendrou uma comunidade

imaginada mais ampla, na qual as nações aliadas também se conectaram emocionalmente à tragédia americana e ao combate subsequente ao terrorismo (ADORNO, HORKHEIMER, 2002; ANDERSON, 2008).

5.2 A ELEIÇÃO DE TRUMP EM 2016 COMO CONSEQUÊNCIA DA POLÍTICA DO MEDO

Os ataques de 11 de setembro de 2001 tiveram um impacto profundo na psique americana, gerando medo e insegurança em relação a ameaças terroristas; as informações midiáticas e os produtos cinematográficos fruto da tragédia tiveram um papel fundamental na propagação da política do medo. Considerando o potencial de influência que os filmes possuem na criação de símbolos e narrativas e como estes fatores são fundamentais para a formação da identidade da nação, houve um profundo impacto na identidade dos nacionais do país a partir da política do medo, consequência da Guerra ao Terror. A indústria hollywoodiana, ao reagir através da produção de filmes que refletiam o clima de medo e incerteza da época, fortaleceu o sentimento de insegurança (TRAUGOTT; BRADER, 2003). Nesta seção busca-se ilustrar como este impacto tornou o discurso populista e neoconservador do ex-presidente Donald Trump, propagador do sentimento anti-imigração, atraente em 2016 (KELLNER, 2018).

Popularizada em discussões públicas e acadêmicas após os ataques de 11 de setembro, a expressão "política do medo" refere-se ao uso intencional do medo para moldar a percepção pública, influenciar a opinião e justificar decisões políticas. O medo pode ser utilizado como uma ferramenta para influenciar comportamentos e opiniões públicas por instituições e atores sociais, incluindo governos, mídia e grupos de interesse, que promovem e capitalizam o medo para atingir seus objetivos. Tal política refere-se a uma abordagem estratégica na política, e reflete-se na mídia e produção cultural, influenciando e mobilizando o público, muitas vezes utilizando ameaças percebidas ou reais, a fim de alcançar objetivos políticos específicos. A tática baseia-se na premissa de que um público temeroso é mais propenso a apoiar políticas e ações que prometem segurança e proteção, mesmo que essas políticas possam ser controversas ou infringir direitos civis (FUREDI, 2002). Quando declarou a Guerra ao Terror e incentivou a grande produção de conteúdos sobre o ataque, Bush estava também promovendo o medo para a nação (TRAUGOTT; BRADER, 2003).

Como ferramenta de criação de narrativas e preservação de memória, a enxurrada de longas-metragem tendo como tema o 11 de setembro, o terrorismo ou a guerra ao terror não

só fortaleceu a insegurança, como fez com que o sentimento de temor perdurasse. Os produtos cinematográficos pós-11 de setembro e a cultura do medo que emergiu dessa época proporcionaram um terreno propício para a retórica populista e xenofóbica de Trump anos depois, em 2016. O slogan central da campanha, “Make America Great Again” (“Fazer da América Grande Novamente”) tinha como base o princípio de “America first”; essas duas ideias, profundamente interligadas, não se originam na história norte-americana pelos discursos de Trump, mas propaga-se e fortaleceram-se no período contemporâneo por sua causa (CURRAN, 2018; SHAPIRO, 2009).

O discurso de Trump, com seu apelo ao “Make America Great Again”, sugere uma nostalgia por um passado culturalmente homogêneo e uma reafirmação das identidades tradicionais, em contraposição a mudanças culturais e demográficas mais recentes. Esse discurso constrói uma narrativa que apela às preocupações e ressentimentos daqueles que se sentem ameaçados por mudanças em valores culturais e pela presença de estrangeiros ou grupos marginalizados. Conectada à ideia defendida de “America First” (América em Primeiro Lugar), há uma certa promoção de isolacionismo, com o objetivo de defender a nação de tudo que for externo. Essa reação é consistentemente alinhada com a xenofobia e a hostilidade em relação a migrantes e minorias étnicas; a rejeição das mudanças culturais pode ser vista como uma tentativa de reafirmar uma identidade coletiva ameaçada. Para os apoiadores de Trump à época, essa identidade pode estar enraizada na ideia de uma América tradicional, branca e cristã, que se sente ameaçada pela crescente diversidade cultural e pelas transformações sociais das últimas décadas (INGLEHART; NORRIS, 2016; CURRAN, 2018)

Relembrando a perspectiva de Stuart Hall de que a identidade não é fixa, mas um processo em constante evolução, influenciado por fatores históricos e culturais, podemos compreender como a política do medo, através da indústria cultural, pôde afetar essa evolução ao destacar as ameaças e apontar vilões, reforçando uma narrativa de unidade nacional e resiliência contra adversidades. Sob a ótica de Benedict Anderson e seu conceito de “comunidade imaginada”, a política do medo molda essa comunidade ao enfatizar ameaças externas e ao invocar um sentimento compartilhado de pertencimento à nação. Isso cria uma conexão emocional entre os cidadãos e reforça a coesão nacional (ANDERSON, 2008; HALL, 2006).

As elites nacionais, como influentes moldadoras da narrativa histórica e cultural de uma nação, desempenham um papel central na relação entre a política do medo e a identidade nacional. Tendo em vista sua posição perante à sociedade e sua capacidade de guiar a construção de uma identidade coletiva, esse papel é especialmente proeminente em contextos

de política do medo. As elites podem utilizar o medo como um meio de consolidar a identidade nacional, acentuando ameaças externas e fomentando um sentimento de unidade contra essas ameaças. Por meio da mídia, discursos políticos e promoção de símbolos nacionais, as elites podem construir uma narrativa que reforça a identidade compartilhada e justifica medidas restritivas, obtendo o apoio público. Assim sendo, a política do medo emerge como uma ferramenta poderosa nas mãos das elites para catalisar uma coesão nacional baseada em sentimentos de pertencimento e enfrentamento de adversidades (HOBSBAWN, 2004).

Logo, a identidade desses grupos que se sentem ameaçados é construída em contraposição àquilo que é percebido como uma ameaça à sua identidade cultural tradicional. Isso impulsiona uma busca por uma identidade supostamente "pura" e homogênea, em oposição a uma sociedade mais diversa e inclusiva. O discurso de Trump, ao reforçar essa construção de identidade, busca consolidar seu próprio poder ao mobilizar essas preocupações em sua base de apoiadores. Ao enquadrar a política como uma luta pela preservação de uma identidade cultural tradicional, tal discurso mobiliza sentimentos de pertencimento e rejeição a mudanças culturais, solidificando sua base de apoiadores e atraindo aqueles que se sentem ameaçados por transformações sociais (CURRAN, 2018; KELLNER, 2018).

Stuart Hall, ao falar sobre a criação do discurso nacional e como ele afeta a visão do indivíduo nacional, afirmou:

O discurso da cultura nacional [...] se equilibra entre a tentação por retornar a glórias passadas e o impulso por avançar ainda mais em direção à modernidade. As culturas nacionais são tentadas, algumas vezes, a se voltar para o passado, a recuar defensivamente para aquele, "tempo perdido", quando a nação era "grande"; são tentadas a restaurar as identidades passadas. Este constitui o elemento regressivo, anacrônico, da estória da cultura nacional. Mas frequentemente esse mesmo retorno ao passado oculta uma luta, para mobilizar as "pessoas" para que purifiquem suas fileiras, para que expulsem os "outros" que ameaçam sua identidade e para que se preparem para uma nova marcha para a frente (HALL, 2006, p. 56).

Com a visão de que, apesar de não ser uma exclusividade do mundo moderno, os efeitos que a globalização têm sobre as identidades nacionais no mundo atual são profundos, Hall trabalha com a hipótese de três possíveis consequências da globalização para a identidade nacional no mundo moderno: 1) as identidades nacionais agora passam por um processo de desintegração, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do "pós-moderno global"; 2) as identidades nacionais e outras identidades locais entram em um processo de isolamento/diferenciação, como forma de reforçarem sua unidade resistindo à

globalização; e 3) as identidades nacionais tradicionais agora estão em declínio, mas novas identidades - híbridas - estão tomando seu lugar (HALL, 2006).

A primeira possibilidade nos remete à ideia de que culturas de nações hegemônicas, como os Estados Unidos, tem grande influência em demais partes do globo e acaba por ser exportada e consumida por diferentes sociedades, afetando e moldando as perspectivas dos indivíduos espectadores (HALL, 2006; SHAPIRO, 2009). A segunda possibilidade nos remete justamente ao medo do “outro”, propagado nos discursos de Trump, buscando delimitar quem era parte da nação e quem não era; a tentativa de diferenciação muitas vezes acabava sendo difícil para os próprios integrantes do grupo preocupado em realizá-la, pois, ao afirmar que imigrantes ilegais deveriam ser deportados, buscava-se qual era a cara desse imigrante, o jeito, os costumes, para que se pudesse isolá-lo; entretanto, comer tacos, ter uma cor de pele não-branca ou usar um hijab não informava se aquela pessoa havia nascido no país ou se seus antepassados nasceram, o que tornava o discurso anti-imigração xenofóbico e racista. Esta segunda possibilidade nos remete justamente às questões sobre fluxo migratório, o papel do imigrante em novos territórios e até mesmo a questões relacionadas ao fascismo (HALL, 2006; IFTIKHAR, 2019). A terceira possibilidade vai ao encontro das ideias debatidas anteriormente de Canclini e Bhabha sobre culturas híbridas e a criação do terceiro espaço (BHABHA, 2005; CANCLINI, 2001; HALL, 2006).

A obra, originalmente publicada em 1992, pode ser aplicada com clareza nas eleições presidenciais norte-americanas em 2016. Quando pensamos no slogan utilizado na campanha presidencial de Trump, "Make America Great Again", podemos pensar justamente na questão da identidade nacional vista por alguns nacionais como ameaçada ao se tornar cada vez mais híbrida e plural; é como se a nacionalidade fosse vista por estes nacionais como um bola de bilhar ou como uma bolha que deveria ser impenetrável, imutável e constante, pois, do contrário, ela estaria ameaçada. Ao escrever o livro, Stuart Hall tinha outro exemplo em mente, as políticas da Thatcher como exemplificação do fenômeno, mas importa observar como o apontamento do autor pôde se transpor com clareza para outras situações, distantes do seu momento de escrita, o que fortalece e valida sua perspectiva (HALL, 2006).

Donald Trump, durante sua campanha presidencial em 2016, adotou um discurso populista focado na proteção dos interesses americanos. Ele explorou as preocupações em torno do terrorismo e da imigração para impulsionar seu apelo eleitoral. Trump associou os imigrantes, especialmente aqueles de origem muçulmana e mexicana, a potenciais ameaças à segurança dos Estados Unidos, reforçando a narrativa do "outro" como perigoso. A imigração tornou-se tema central nas eleições, pois estava ativamente presente nos discursos de Trump

desde o início da corrida presidencial ao fim de seu mandato presidencial (CURRAN, 2018; KELLNER, 2018; NAGEL, 2019). Em seu discurso de nomeação como candidato do Partido Republicano, ele, que viria a ser Chefe de Estado da nação, ao falar sobre imigrantes, “terror islâmico” e o futuro que desejava ao país, declarou:

Quase 180.000 imigrantes ilegais com antecedentes criminais, ordenados a serem deportados de nosso país, estão esta noite vagando livremente para ameaçar cidadãos pacíficos. O número de novas famílias de imigrantes ilegais que cruzaram a fronteira até agora este ano já supera todo o total de 2015. Eles estão sendo liberados às dezenas de milhares em nossas comunidades sem levar em conta o impacto na segurança ou recursos públicos. [...] devemos suspender imediatamente a imigração de qualquer nação que tenha sido comprometida pelo terrorismo até que mecanismos comprovados de verificação sejam implementados. [...] Para todos os americanos esta noite, em todas as nossas cidades, faço esta promessa: Faremos a América forte novamente. Faremos a América orgulhosa novamente. Nós tornaremos a América segura novamente. E Faremos a América Grande Novamente (TRUMP, 2016, tradução nossa).

Os filmes pós-11 de setembro alimentaram a cultura do medo por anos, contribuindo para um ambiente em que a segurança e a angústia em relação ao “outro” era uma preocupação central em 2016. O discurso de Trump, ancorado na retórica anti-imigração e na priorização do cidadão estadunidense, encontrou terreno fértil nesse contexto de medo e insegurança. Ambos fatores contribuíram para moldar a percepção pública sobre ameaças e segurança nacional, levando a uma postura mais restritiva em relação à imigração como um meio de proteção contra possíveis ameaças externas (KELLNER, 2003; 2010; WELDES, ROWLEY, 2015).

No mesmo ano que Trump assume o governo, 2017, é conduzida a sétima onda da pesquisa de opinião pública do World Values Survey. O WVS (World Values Survey) é um estudo de pesquisa social de longo prazo, que visa investigar os valores e as crenças das pessoas ao redor do mundo, examinando uma ampla gama de questões, como atitudes políticas, religiosas, sociais e culturais. Nesta fase de coleta de dados, tornou-se possível verificar como era a percepção do estadunidense acerca do imigrante um ano após a fervorosa disputa presidencial, momento em que os debates a respeito de imigrações tornaram-se centrais.

Foram selecionadas, para melhor compreensão da situação do imigrante nos Estados Unidos e de como são percebidos pelos nacionais, algumas das questões que compunham o Survey e que tinham forte relação com o trabalho. Abaixo, seguem tabelas com as perguntas realizadas aos participantes da pesquisa, as opções de resposta e a distribuição, em

porcentagem, das respostas dadas pelos participantes. A distribuição dos valores é em porcentagem, com exceção da última linha de todas as tabelas, em violeta, na qual consta o número total de participantes.

Q126 - Do seu ponto de vista, quais têm sido os efeitos dos imigrantes no desenvolvimento do seu país, EUA?:						
Aumento risco de terrorismo						
	TOTAL	Gênero		Idade		
		Masculino	Feminino	Até 29	30 - 49	50 ou mais
Discordo	18,3	20,7	16,0	27,2	16,7	15,3
Diffícil dizer	38,7	35,9	41,4	43,4	41,9	34,2
Concordo	41,3	41,9	40,7	26,8	39,9	49,2
Não sei	0,1	-	0,2	-	-	0,2
Não respondeu	1,5	1,4	1,6	2,6	1,5	1,1
Falta: Indisponível	-	-	-	-	-	-
(N)	(2596)	(1256)	(1340)	(554)	(870)	(1172)

FONTE: WORLD VALUES SURVEY, 2022, tradução nossa

Q130 - Que tal pessoas de outros países vindo aqui para trabalhar. Qual das seguintes opções você acha que o governo deveria fazer?						
	TOTAL	Gênero		Idade		
		Masculino	Feminino	Até 29	30 - 49	50 ou mais
Deixar que venha qualquer que queira	13,3	11,5	14,9	22,0	13,5	8,9
Deixar que as pessoas venham desde que haja trabalhos disponíveis	37,0	36,9	37,1	43,2	38,4	33,1
Estabelecer limites estritos no número de estrangeiros que podem vir aqui	44,2	46,6	41,9	28,3	42,5	53,0
Proibir que pessoas de outros países venham	3,8	3,6	4,0	3,8	3,7	3,9
Não sei	0,2	0,1	0,3	0,2	-	0,3
Não respondeu	1,6	1,2	1,9	2,5	1,9	0,9
Falta: Indisponível	-	-	-	-	-	-
(N)	(2596)	(1256)	(1340)	(554)	(870)	(1172)

FONTE: WORLD VALUES SURVEY, 2022, tradução nossa

Q147 - Em que grau você está preocupado com as seguintes situações? Um ataque terrorista						
	TOTAL	Gênero		Idade		
		Masculino	Feminino	Até 29	30 - 49	50 ou mais
Bastante	27,6	23,8	31,3	18,6	27,1	32,4
Muito	40,2	38,5	41,8	37,0	40,7	41,4
Não tanto	26,1	30,4	22,0	34,1	26,7	21,8
Nem um pouco	5,3	6,3	4,4	8,8	5,3	3,7
Não sei	-	-	-	-	-	-
Não respondeu	0,7	0,9	0,6	1,6	0,3	0,7
Outras faltas: várias respostas (EVS)	-	-	-	-	-	-
(N)	(2596)	(1256)	(1340)	(554)	(870)	(1172)

FONTE: WORLD VALUES SURVEY, 2022, tradução nossa

A partir das questões do survey trazidas aqui, podemos perceber que a pesquisa de opinião conduzida pelo WVS nos Estados Unidos em 2017 confirma os receios em relação aos migrantes, assim como apresenta desejos sobre como a situação dos imigrantes deveria ser tratada. Dentre os participantes, 41,3% acredita que um dos efeitos de ter imigrantes no território nacional é o aumento de chances de um ataque terrorista; além disso, 67,8% demonstrou preocupação com um ataque terrorista. Ao observarmos o que deve ser feito com os migrantes buscando trabalho, percebemos que 44,2% acredita que deveria ser estabelecido um limite na quantidade de pessoas que podem entrar no país. Pode-se compreender que esta pergunta relaciona-se à preocupação com desemprego; entretanto, importa enfatizar que o dado nos mostra que o imigrante também ocupa um lugar no imaginário nacional de ameaça não só à vida, mas aos empregos e consequentemente à estabilidade e unidade da comunidade imaginada (WVS, 2022). É também importante ressaltar que antes de 2001, tais questões a respeito de imigrantes não foram realizadas na quarta onda do Survey do WVS (WVS, 1999).

A exploração das preocupações a respeito de segurança pelos discursos de Trump e a construção de narrativas de "nós versus eles" alimentaram um ambiente no qual a política de restrição à imigração ganhou apoio entre parte do eleitorado que buscava segurança em tempos de incerteza. Essa separação entre quem somos "nós" e quem são "eles" é um reflexo do impacto que a crescente preocupação teve pós-11 de setembro, ocasionando em uma busca por separação étnica. Nas cruéis juras de deportação de Trump, muitos nacionais acabaram encontrando conforto e segurança perante ao medo que tomou conta da nação. As eleições

presidenciais de 2016 ilustraram como o medo e suas formas de propagação tornam-se forças influentes na sociedade, afetando a maneira como as pessoas percebem o mundo, tomam decisões e se envolvem com a política e a cultura (IFTIKHAR, 2019).

A exploração de ameaças terroristas e a representação visual de cenários catastróficos em filmes por anos geraram um clima propício para a aceitação dessas políticas restritivas, incluindo medidas anti-imigração. A construção e manutenção de uma narrativa que destacavam ameaças externas e enfatizava a necessidade de proteção nacional alimentava o medo e as inseguranças perante o “outro”. Desta forma, o medo alimentou o medo; após mais de uma década desta cultura moldada pela Guerra ao Terror e uma política de medo, desenvolvido pela mídia e por filmes, Trump e sua retórica política encontraram um ambiente próprio para a aceitação do seu discurso populista, uma vez que o público estava predisposto a temer ameaças. Portanto, os elementos cinematográficos, a política do medo e o discurso populista xenofóbico se entrelaçaram, moldando a percepção pública e influenciando o debate político em torno da imigração (NAGEL, 2019; SHAPIRO, 2009).

6 CONCLUSÃO

A partir dos resultados obtidos dos conhecimentos entrelaçados e gerados nos capítulos anteriores e da aplicação destes conhecimentos em eventos ocorridos no século XXI, vem esta conclusão. Neste capítulo será feita uma retomada do trabalho, buscando identificar se seus propósitos foram realizados e se os objetivos foram cumpridos.

Vale ressaltar quais eram os objetivos pretendidos no início do trabalho. Com o propósito de explorar como podemos utilizar a “comunicação não-dita” - filmes - para melhor compreendermos as Relações Inter(nacionais), definiu-se como objetivo geral verificar a importância do Cinema na manutenção da identidade nacional e como isso afeta as relações com os atores internacionais e sua postura no SI. Como objetivos específicos pretendeu-se 1) Trazer à tona o papel do indivíduo nas Relações Internacionais, realizando as conexões entre Cultura, Cinema, Nacionalismo e Relações Internacionais; 2) Apresentar, através das discussões de nacionalismo e estética, como o cinema pode servir para melhor compreendermos as Relações Internacionais e os problemas humanos; neste caso a imigração, a situação do imigrante e política do medo foram utilizadas como exemplo ao longo do texto.

O primeiro passo para explorar o impacto do cinema nas Relações Internacionais foi em direção a investigação aprofundada sobre a noção de identidade, sua importância para a construção da nação, como são formadas e influenciadas e o lugar que a cultura e, por consequência, o cinema, ocupa nessa situação. Em seguida, houve uma preocupação de explorar as diferentes formas que as imagens podem ser usadas como ferramentas de análise nas Relações Internacionais. Ao longo deste estudo, explorou-se o papel intrínseco das narrativas audiovisuais modernas, principalmente em formato de filmes, na manutenção da identidade nacional, bem como o impacto singular que essa relação exerce sobre a arena das Relações Internacionais. Desde o início, o propósito era explorar as interações entre o sentimento de pertencimento nacional, a influência do cinema e sua relação com o contexto internacional.

Como os processos de formação de uma nação são particulares de cada grupo, compreendeu-se a necessidade de trazer uma nação como estudo de caso, para proporcionar a visualização da aplicação teórica do conteúdo pesquisado e, desta forma, tornar compreensível os reflexos da cultura popular e do consumo de filmes na política externa e no cenário internacional. A forma que essa ilustração foi realizada foi verificando como a política do medo pós-11/09, consequência da Guerra ao Terror, foi alimentada pelos filmes da

época que se comunicaram diretamente com o emocional do indivíduo nacional norte-americano. O imaginário de quem seriam os heróis e quem seriam os vilões gerava uma visão maniqueísta da realidade abordada de forma fictícia. As histórias envolventes e até mesmo ricas em adrenalina tiveram o potencial de moldar a percepção do indivíduo nacional.

Provavelmente um dos autores mais citados deste texto, Stuart Hall foi fundamental para a estruturação deste trabalho. O trabalho poderia ter se direcionado diretamente para a influência do cinema na opinião pública e o impacto na política externa nacional; um caminho menos complicado tendo em vista que o cinema, o nacionalismo e a identidade nacional não haviam sido estudados pela autora ao longo da graduação como foi o caso de opinião pública, mas também fugiria do propósito e não seria capaz de explorar as curiosidades pessoais da autora ou alcançar os objetivos propostos pelo trabalho. Foi nesse sentido que as ideias do autor fizeram tanto sentido para a pesquisa, pois ele traz a identidade nacional como algo moldável, em constante construção e suscetível ao ambiente. O que buscava trazer era justamente a ideia de que a produção massiva de filmes (aos moldes da produção da indústria cultural de Adorno e Horkheimer) não era apenas uma ferramenta que moldava opiniões de forma coletiva e que fosse passageiro, mas que tinha o potencial de se comunicar com o cerne do indivíduo, descentralizando-o e modificando completamente sua perspectiva a respeito do mundo, afetando sua personalidade, seu comportamento. Ao explorarmos como se dá a identidade nacional ao longo do trabalho, houve a possibilidade de compreender que essa capacidade que filmes têm de se comunicar com o emocional de um indivíduo podem afetar uma nação inteira.

Por isso também houve a escolha de Benedict Anderson ao tratar de Nacionalismo. O autor enfatiza com clareza que o consumo de produtos culturais em comum, o compartilhamento do mesmo idioma, dos mesmos símbolos e narrativas criam um senso de coletivo entre pessoas que nunca se encontraram. A identificação com aquele que me é completamente estranho só é possível devido a esse imaginário de que pertencemos ao mesmo “lugar” e por lugar, que fique claro, não digo um lugar físico. Podemos pensar em nações sem território, como é o caso do povo curdo, que não deixa de existir e pertencer, mesmo sem a existência de um espaço físico e concreto.

Ocorreu a compreensão antes da elaboração deste trabalho e que se fortaleceu ao longo da produção dele que não haveria Relações Internacionais da forma como compreendemos caso não houvesse nações. Logo, parece essencial estudá-las e entendê-las. Como dito ao longo do texto a partir do que se estudou, nações são formas de organização social muito recentes e, por consequência, identidades nacionais também, o sentimento de

pertencimento à uma comunidade imaginada da forma que conhecemos não era assim desde sempre, logo não faria sentido supor que se manterá assim para sempre. Parece de extrema relevância compreendermos a complexidade e os detalhes desta estrutura das mais diversas formas; no trabalho, foi escolhido analisar como essa estrutura se modifica e se movimenta através de uma de suas ferramentas, o Cinema. Ademais, as formas de organização social ao longo da história parecem ter caminhado junto com as estruturas econômicas, logo pareceu fazer sentido avaliar o formato de organização em sociedades nacionais, que surgiu mais ou menos ao mesmo tempo que o Capitalismo, e sua ferramenta de influência, o Cinema, pela perspectiva da Teoria Crítica, que avalia estas estruturas econômicas e sua influência nas dinâmicas de poder social e cultural.

Filmes promovem uma propagação e homogeneização de trejeitos, de formas de falar, de sotaques, de ideias, de arquiteturas, gostos. Eles têm a capacidade de comportar narrativas complexas e detalhadas que comunicam muito em pouco tempo. Diferente de consumir diversos vídeos de TikTok, por exemplo, com informações fragmentadas, ao consumir um filme o indivíduo absorve aquelas informações como uma unidade, um enredo conectado. Realizando uma comparação do próprio trabalho que escrevo e que o leitor lê, há uma grande diferença em como o leitor percebe o conteúdo proposto lendo este trabalho do início ao fim, chegando à conclusão e podendo conectar todas as partes, em comparação com ler seções soltas. Um vídeo no TikTok seria como ler uma subseção: comunica uma ideia, mas não necessariamente nos fornece um contexto. Há um impacto causado por estes vídeos curtos em nossas vidas e percepções, principalmente quando consumimos diversos conteúdos semelhantes de forma massiva, mas eles não se entrelaçam propositalmente. Um filme é como um trabalho completo, com início, meio e fim, contando uma narrativa, buscando se comunicar com o espectador, atando todos os nós.

Assim, quando acompanhamos como o evento ocorrido em 11 de setembro de 2001 foi retratado em filmes e o fato de ter sido retratado múltiplas vezes, podemos perceber que houve um fortalecimento da política do medo e do sentimento de que a unidade deveria enfrentar o “outro”, o inimigo, que ameaça a unidade nacional. Quando Trump discursava em prol de uma nação unida, essa nação não incluía todas as etnias; mesmo quando nacionais, nascidas naquele território, essas pessoas não pertenciam. Quando Trump falava do imigrante como inimigo, ele categorizava muitos dos latinos e muçulmanos nascidos naquele território como imigrantes também, mesmo sem que tenham migrado, pois bastava que seus pais tivessem feito tal movimentação. Houve uma forte separação entre quem eram os pertencentes da nação e quem eram os “outros” e se justificava essa separação com uma preocupação com

altos índices de criminalidade, ataques terroristas e instabilidade econômica ou desemprego.

A eleição de Trump em 2016 foi resultado da convergência entre a política do medo fomentada pela cultura pós-11 de setembro, a construção de uma narrativa populista anti-imigração e a exploração das inseguranças e preocupações da população. O cenário criado por anos de cultura do medo preparou o terreno para a aceitação de um discurso que prometia proteção contra ameaças percebidas. Os diversos filmes que retratavam os inimigos davam uma cara para ele, uma cor, davam costumes e o separavam do que era ser genuinamente americano. Portanto, a análise de como o medo moldou o discurso político e influenciou a identidade nacional fornece insights cruciais para explorar e entender os eventos políticos contemporâneos e as complexas interações entre cultura, política e sociedade.

Sendo assim, tornou-se perceptível que, sem narrativas, símbolos e imagens, elementos que também são fundamentais para a construção de um filme, não é possível a construção de uma comunidade imaginada, uma nação. Através de coletivos, diferentes culturas e sociedades interagem e moldam a vida dos indivíduos. Desta forma, acredita-se que o trabalho alcançou os seus objetivos ilustrando como indivíduos, sejam eles integrantes comuns da nação, sejam eles Chefes de Estado, têm um papel de extrema relevância para construção das Relações Internacionais, assim como foi possível verificar a função do cinema neste contexto.

O presente trabalho buscou entender como podemos utilizar o cinema para melhor compreender as relações internacionais e os problemas humanos. Através da compreensão de seu impacto nas identidades nacionais, foi possível verificar como um trágico evento, ao gerar grande comoção e movimentar a Indústria Cultural, pôde impactar profundamente na percepção dos indivíduos e afetar um tema tão importante no mundo globalizado, como é o caso das imigrações. Os conceitos estudados podem ser aplicados nos mais diversos contextos, gerando diferentes análises e conclusões. Logo, por fim, a provocação final deste trabalho é o incentivo para que se realizem mais conexões conceituais e teóricas com o cinema na área de ciência política e relações internacionais, para a melhor compreensão dos problemas da humanidade.

REFERÊNCIAS

- 6 ABC ACTION NEWS. **9/11/01 Timeline: How the September 11, 2001 attacks unfolded.** 2021. Disponível em: <https://6abc.com/911-timeline-anniversarymemorial/%206411796/>. Acesso em: 20 jul. 2023.
- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. A Indústria Cultural: O Iluminismo como Mistificação de Massas. *In: TEORIA DA CULTURA DE MASSA.* São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 169 a 214.
- ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. O Conceito De hegemonia: De Gramsci a Laclau e Mouffe. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, [s. l.], n. 80, p. 71–96, 2010. Disponível em: <http://www.cedec.org.br/soberania-democracia-e-mudanca/>. Acesso em: 13 maio 2023.
- ANDERSON, Benedict R. **Comunidades Imaginadas: Reflexões Sobre a Origem e a Difusão do Nacionalismo.** [S. l.]: Companhia das Letras, 2008.
- APPADURAI, Arjun. **Dimensões Culturais da Globalização: A Modernidade sem Peias.** [S. l.]: Editora Teorema, 2004.
- BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura.** 3^a. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- BLEIKER, Roland. **Aesthetics and World Politics.** 1. ed. [S. l.]: Palgrave Macmillan, 2009.
- BLEIKER, Roland. The Aesthetic Turn in International Political Theory. **Millennium: Journal of International Studies**, [s. l.], v. 30, n. 3, p. 509–533, 2001.
- BLEIKER, Roland. **Visual Global Politics.** 1. ed. Abingdon, Oxon; New York, NY: Routledge, 2018.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política.** 11. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007. v. 1
- BREUILLY, John. **Nationalism and the State.** 2. ed. [S. l.]: Manchester University Press, 1993.
- BREUILLY, John (org.). **The Oxford Handbook of the History of Nationalism.** [S. l.]: Oxford University Press, 2013.

BUSH, G. W. Statement by the president in his address to the nation. The White House Archives, 2001a. Disponível em: <<https://georgewbushwhitehouse.archives.gov/news/releases/2001/09/20010911-16.html>>.

Acesso em: 09 setembro 2023.

BUSH, G. W. Address to a joint session of Congress and the american people. The White House Archives, 2001b. Disponível em: <<https://georgewbushwhitehouse.archives.gov/news/releases/2001/09/20010920-8.html>>.

Acesso em: 10 setembro 2023.

CALVO, Dana; LOS ANGELES TIMES. Hollywood Signs On to Assist War Effort. [S. l.], 2001. Disponível em: <https://www.latimes.com/archives/la-xpm-2001-nov-12-mn-3236-story.html>. Acesso em: 12 jun. 2023.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: Estrategias Para Entrar y Salir de la Modernidade**. [S. l.]: Paidós, 2001.

CASO, Federica; HAMILTON, Caitlin. **Popular Culture and World Politics : Theories, Methods, Pedagogies**. Bristol: E-International Relations Publishing, 2015.

CETTL, Robert. **Terrorism in American Cinema: An Analytical Filmography, 1960 - 2008**. London: McFarland, 2009.

COX, Robert W. Social Forces, States and World Orders: Beyond International Relations Theory. **Millennium**, [s. l.], v. 10, n. 2, p. 126–155, 1981.

CURRAN, James. “Americanism, not Globalism”: President Trump and the American Mission. **Lowy Institute for International Policy**, [s. l.], 2018. Disponível em: <http://www.jstor.com/stable/resrep19793>.

DELEUZE, Gilles. **A Imagem-Tempo: Cinema 2**. [S. l.]: Editora Brasiliense, 2005.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. [S. l.]: Editora Ulisseia, 1961.

FEATHERSTONE, Mike. **Global Culture: Nationalism, Globalization and Modernity**. London: Sage Publications, 2011.

- FIGUEIRA, Ariane Roder. **Introdução à Análise de Política Externa**. [S. l.]: Editora Saraiva, 2011.
- FUREDI, Frank. **Culture of fear risk-taking and the morality of low expectation**. London: London Continuum, 2002.
- GELLNER, Ernest. **Nations and Nationalism: New Perspectives on the past**. [S. l.]: Cornell University Press, 1983.
- GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- GILL, Stephen. **American Hegemony and the Trilateral Commission**. Cambridge England: Cambridge University Press, 1995.
- GILL, Stephen. **Power and Resistance in the New World Order**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2003.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere, volume 4**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2017.
- HALL, Stuart; DU GAY, Paul (org.). **Questions of Cultural Identity**. London: SAGE Publications, 1996.
- HALL, Sheldon; NEALE, Stephen. **Epics, Spectacles, and Blockbusters: a Hollywood History**. Detroit: Wayne State University Press, 2010.
- HOBSBAWM, Eric J. **Nações e Nacionalismo desde 1780 : Programa, Mito e Realidade**. São Paulo: Paz E Terra, 2004.
- HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. **Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- HUDDY, Leonie; SEARS, David; JERVIS, Robert. **The Oxford handbook of political psychology**. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- IFTIKHAR, Arsalan. Perspective | Trump sees immigrants as invaders. White-nationalist terrorists do, too. **Washington Post**, [s. l.], 17 mar. 2019. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/outlook/2019/03/17/trump-sees-immigrants-invaders-white-nationalist-terrorists-do-too/>. Acesso em: 29 jul. 2023.

INGLEHART, Ronald; NORRIS, Pippa. Trump, Brexit, and the Rise of Populism: Economic have-nots and Cultural Backlash. **HKS Faculty Research Working Paper Series**, [s. l.], n. No. RWP16-026, 2016.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia - Estudos Culturais: Identidade e Política Entre o Moderno e o Pós-Moderno**. Bauru: EDUSC, 2001.

KELLNER, Douglas. **Cinema Wars: Hollywood Film and Politics in the Bush-Cheney Era**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

KELLNER, Douglas. Donald Trump as Authoritarian Populist: A Frommian Analysis. In: MORELOCK, Jeremiah (org.). **Critical Theory and Authoritarian Populism**. London: University of Westminster Press, 2018. p. 71–82.

KELLNER, Douglas. **From 9/11 to Terror War: the Dangers of the Bush Legacy**. Oxford: Rowman & Littlefield Publishers, 2003.

LOWRY, Brian; CNN. **“Barbie” delivers a feminist message dressed up in all the right accessories**. [S. l.], 2023. Disponível em: https://edition.cnn.com/2023/07/19/entertainment/barbie-review?cid=external-feeds_iluminar_cnn-brasil. Acesso em: 6 ago. 2023.

MAIA ALVES, Elder P. A Digitalização do Simbólico e o Capitalismo cultural-digital: a Expansão dos Serviços culturais-digitais no Brasil. **Sociedade e Estado**, [s. l.], v. 34, n. 1, p. 129–157, 2019.

MULLIGAN, Kenneth; HABEL, Philip. The Implications of Fictional Media for Political Beliefs. **American Politics Research - Southern Illinois University Carbondale**, [s. l.], v. 41, n. 1, p. 122–146, 2012.

MUZZATTI, Stephen. Terrorism and Counter-terrorism in Popular Culture in the Post-9/11 Context. **Oxford Research Encyclopedia of Criminology and Criminal Justice**, [s. l.], 2017. Disponível em: <https://oxfordre.com/criminology/display/10.1093/acrefore/9780190264079.001.0001/acrefore-9780190264079-e-123>. Acesso em: 6 ago. 2023.

NAGEL, Caroline. Populism, immigration and the Trump phenomenon in the U.S. **Environment and Planning C: Politics and Space**, [s. l.], v. 37, n. 1, p. 12–16, 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Cultural times. The First Global Map of Cultural and Creative Industries**. Paris: Unesco, 2015.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **Os Estados Unidos e o Século XXI**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

PRINCE, Stephen. **Firestorm: American film in the age of terrorism**. New York: Columbia University Press, 2009.

PUTNAM, Robert D. Diplomacia e política doméstica: a lógica dos jogos de dois níveis. **Revista de Sociologia e Política**, [s. l.], v. 18, n. 36, p. 147–174, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-44782010000200010>. Acesso em: 12 jul. 2023.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, Eurocentrismo y América Latina . *In*: CUESTIONES Y HORIZONTES: DE LA DEPENDENCIA HISTÓRICO-ESTRUCTURAL A LA COLONIALIDAD/DESCOLONIALIDAD DEL PODER. Buenos Aires: CLACSO, 2020. p. 861–919.

RANCIÈRE, Jacques. **A Partilha Do Sensível : Estética e Política**. São Paulo: Editora 34 Ltda., 2005.

REUS-SMIT, Christian; SNIDAL, Duncan. **The Oxford Handbook of International Relations**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; SHIMODA, Aline Ramos Barros. O Que O Japão Faz Aqui? Um Olhar Interdisciplinar Em Meio O Patrimônio Cultural Alimentar Da Cozinha Japonesa. **Revista Práxis**, [s. l.], v. 1, p. 105–110, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=525552630012>. Acesso em: 28 jul. 2023.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAID, Edward W. **Orientalismo: O Oriente Como Invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SHAPIRO, Michael J. **Cinematic Geopolitics**. [S. l.]: New York Routledge, 2009.

SHAPIRO, Michael J. **Methods and Nations: Cultural Governance and the Indigenous Subject**. [S. l.]: Routledge, 2004.

SHAPIRO, Michael J. **Punctuations: How the Arts Think the Political**. [S. l.]: Duke University Press, 2019.

TRAUGOTT, Michael W.; BRADER, Ted. Explaining 9/11. *In*: FRAMING TERRORISM: THE NEWS MEDIA, THE GOVERNMENT, AND THE PUBLIC. New York: Routledge, 2003.

TRUMP, Donald. **Donald Trump's full acceptance Republican nomination speech** . Cleveland, Ohio: [s. n.], 2016. Disponível em: <https://www.politico.com/story/2016/07/full-transcript-donald-trump-nomination-acceptance-speech-at-rnc-225974>. Acesso em: 1 ago. 2023.

WELDES, Jutta. Going Cultural: Star Trek, State Action, and Popular Culture. **Millennium: Journal of International Studies**, [s. l.], v. 28, n. 1, p. 117–134, 1999.

WELDES, Jutta. **To Seek out New Worlds : Science Fiction and World Politics**. New York: Palgrave Macmillan, 2003.

WELDES, Jutta; ROWLEY, Christina . **So, How Does Popular Culture Relate to World Politics?** [S. l.], 2015. Disponível em: <https://www.e-ir.info/2015/04/29/so-how-does-popular-culture-relate-to-world-politics/>. Acesso em: 11 maio 2023.

WENDT, Alexander. **Social theory of International Politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

WINDERS, Jamie. Immigration and the 2016 Election. **Southeastern Geographer**, [s. l.], v. 56, n. 3, p. 291–296, 2016. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/26233803>. Acesso em: 9 ago. 2023.

WORLD VALUES SURVEY. **World Values Survey: Round Four - USA Datafile Version 5.0**. Madrid, Spain & Vienna, Austria: JD Systems Institute & WVSA Secretariat, 1999.

Disponível em: <https://www.worldvaluessurvey.org/WVSDocumentationWV4.jsp>. Acesso em: 11 ago. 2023.

WORLD VALUES SURVEY. **World Values Survey: Round Seven - USA Datafile Version 5.0**. Madrid, Spain & Vienna, Austria: JD Systems Institute & WVSA Secretariat, 2022. Disponível em: <https://www.worldvaluessurvey.org/WVSDocumentationWV7.jsp>. Acesso em: 11 ago. 2023.